



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Susana Daniela Ferreira Caetaninho

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Do manual escolar ao conhecimento do meio local: experiência
pedagógica

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Doutor Gonçalo Maia Marques

Outubro de 2014

AGRADECIMENTOS

Neste espaço pretendo agradecer a todos, que de algum modo contribuíram para a realização deste relatório.

Ao meu orientador, Doutor Gonçalo Maia Marques, pelo apoio, disponibilidade e motivação transmitida ao longo do presente trabalho de investigação.

À minha família, em especial aos meus pais, pelo esforço, motivação e compreensão prestada. Agradeço também o facto de me terem dado a oportunidade de chegar até aqui.

Agradeço também a todos os professores que contribuíram para a minha formação académica, em especial aqueles que acompanharam a minha prática pedagógica, por todas as contribuições e pelo tempo dispensado.

Aos alunos que participaram neste estudo, pelo carinho demonstrado, pelo seu empenho, dedicação e pelas vivências proporcionadas. Agradeço também aos seus encarregados de educação por terem participado nesta investigação.

À professora cooperante por me ter recebido, pela sua disponibilidade, pela partilha de saberes e experiência.

Ao meu par pedagógico, Cristina Ferreira, por todo o apoio prestado, pela compreensão e disponibilidade. Agradeço também a sua sincera amizade.

Aos meus amigos, especialmente à Beatriz Veiga, pela amizade e espírito de entreatajuda durante todo este percurso.

Também quero agradecer à educadora cooperante e as crianças do pré-escolar pela experiência, pela partilha de saberes, pelo carinho, empenho e motivação demonstrados.

Obrigada a todos.

RESUMO

O presente relatório foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada II, do curso de mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

“Do manual escolar ao conhecimento do meio local: experiência pedagógica” é o título deste relatório. O principal objetivo é perceber a importância que uma turma, os seus encarregados de educação e os professores, da mesma escola, atribuem ao manual escolar e qual o processo de trabalho pedagógico que desenvolvem em torno dele.

Numa primeira fase recorremos a inquéritos por questionários, para perceber a importância atribuída a este recurso educativo, assim como analisamos o manual adotado. Na segunda fase realizamos atividades pedagógicas, que nos levaram a construir um pequeno manual/livro, relativo ao Património histórico local, com ênfase na cidade de Viana do Castelo, para que os alunos pudessem ter um suporte, de fácil consulta, relativo a esta temática de Estudo do Meio.

A nível metodológico, este estudo, baseou-se numa abordagem qualitativa com contornos de investigação-ação. Através da análise de dados recolhidos verificou-se o gosto dos alunos pela área de Estudo do Meio. Também constatamos que o manual escolar assume muita importância para os alunos, professores e encarregados de educação. Nas atividades de conhecimento do meio local os alunos revelaram consciência, empatia e cidadania patrimonial.

Este relatório apresenta uma estrutura por capítulos, de modo a facilitar o entendimento dos diferentes procedimentos realizados durante a investigação. Desde a contextualização da PES II, passando posteriormente à apresentação do trabalho de investigação e finalizando com uma reflexão relativa à PES I e II.

Palavras-chave: manual escolar; Educação Patrimonial; Viana do Castelo.

ABSTRACT

This report was developed in the context of curricular unit Supervised Teaching Practice II, of the masters course in Preschool Education and Teaching of the 1ST Cycle of Basic Education.

"The school manual to knowledge of the local environment: pedagogical experience" is the title of this report. The main objective is to understand the importance of class, their parents and teachers, at the same school they attach to school manual and this process of pedagogical work that develop around it.

In a first phase we use the surveys, in order to realize the importance attributed to this educational resource and analyzed the manual adopted. In the second phase we conducted educational activities, which led us to build a small manual or book on the historic heritage site, with emphasis on city of Viana do Castelo, so that the students could have a support, easy to consult on this topic of the environment study.

At a methodological level, this study was based on a qualitative approach with contours of action research. Through the analysis of data collected there was the taste of the students in the area of Environment Study. Also we note that the school manual assumes great importance for students, teachers and parents. In the knowledge of the local environment activities the students showed awareness, empathy and citizenship patrimonial.

This report presents a framework for chapters, in order to facilitate the understanding of the different procedures performed during the investigation. Since the context of PES II, going after the presentation of research work and ending with a reflection on the PES I and II.

Keywords: school manual; Heritage Education; Viana do Castelo.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice	iv
Lista de anexos	vi
Lista de figuras.....	vi
Lista de quadros.....	vii
Lista de abreviaturas	vii
Nota introdutória.....	1
Capítulo I – Enquadramento da PES II	3
Características do contexto educativo	3
Características socioeconómicas	4
Características educativas.....	5
Características curriculares.....	5
Áreas de intervenção e conexões efetuadas.....	7
Capítulo II – Trabalho de investigação	8
Orientação para o problema e questões de investigação	8
Enquadramento teórico.....	11
O manual escolar	11
Adoção dos manuais escolares	16
Um panorama do ensino da história desde 1901.....	17
Educação Histórica.....	21
Educar para o Património	22
Metodologia.....	24
Investigação qualitativa em Educação.....	25
Investigação-ação.....	26
Participantes	27
Método de recolha de dados.....	28

Inquérito por questionário.....	28
Observação participante	28
Calendarização do trabalho de investigação	29
Apresentação e análise de dados	30
Primeira fase	30
Tarefa 1 - Inquérito por questionário dos alunos.....	30
Análise dos dados.....	31
Tarefa 2 - Inquérito por questionário dos professores	35
Análise dos dados.....	36
Tarefa 3 – inquéritos por questionário dos encarregados de educação.....	39
Análise dos dados.....	39
Tarefa 4 – Apreciação de um Manual de Estudo do Meio	43
Análise do manual.....	43
Segunda fase	45
Atividade 1- Lenda de Viana	46
Análise da atividade	47
Atividade 2 – O Património de Viana do Castelo.....	49
Análise da atividade	51
Atividade 3 – Texto coletivo	57
Análise da atividade	58
Atividade 4 – Construção do manual/livro referente ao Património histórico local	60
Análise da atividade	61
Atividade extra – Apresentação do manual/livro <i>Uma aventura em Viana do Castelo</i>	65
Análise da atividade	65
Conclusões	67
Capítulo III – Reflexão final da PES I e II	72
Referências Bibliográficas.....	78
Fontes consultadas para a construção do manual/livro <i>Uma Aventura em Viana do Castelo</i>	81
Anexos	82

LISTA DE ANEXOS

Anexo I - Planificação.....	83
Anexo II - Autorização para os alunos participarem na investigação	96
Anexo III - Modelo do inquérito por questionário aplicado aos alunos.....	97
Anexo IV - Modelo do inquérito por questionário aplicado aos professores	98
Anexo V - Modelo do inquérito por questionário aplicado aos encarregados de educação	99
Anexo VI - Grelha de apreciação do manual escolar.....	100
Anexo VII - Texto final.....	101
Anexo VIII - Exemplo do conteúdo do manual/livro <i>Uma aventura em Viana do Castelo</i>	102
Anexo IX- CD	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Esquema relativo à atribuição de foral	48
Figura 2. Tríptico Monumental de Viana do Castelo.....	52
Figura 3. Apresentação do artesanato	55
Figura 4. Ideias relativas à introdução.....	58
Figura 5. Ideias relativas ao desenvolvimento	58
Figura 6. Ideias relativas à conclusão	59
Figura 7. Texto final	60
Figura 8. Construção do manual/livro (primeira fase)	63
Figura 9. Tiras em EVA	63
Figura 10. Escrita e colagem	64
Figura 11. Manual/ livro: Uma aventura em Viana do Castelo	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Manual preferido	31
-----------------------------------	----

Gráfico 2. Utilização do manual escolar	33
Gráfico 3. Curiosidade em folhear o manual.....	34
Gráfico 4. Importância do manual para esclarecer as dúvidas	34
Gráfico 5. Utilização do CD – aula digital.....	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Caracterização do edifício	3
Quadro 2. Dificuldades e potencialidades da turma nas diferentes áreas curriculares	6
Quadro 3. Conteúdos do programa de Estudo do Meio relacionado com a temática	10
Quadro 4. Funções essenciais dos manuais escolares segundo Choppin	14
Quadro 5. Calendário de adoção dos manuais escolares do 1.º ciclo	17
Quadro 6. Objetivos gerais do Estudo do Meio Social, de acordo com o programa curricular.....	20
Quadro 7. Plano de ação	29
Quadro 8. Justificação da escolha do manual de Estudo do Meio	31
Quadro 9. Justificação da escolha do manual de Português.....	32
Quadro 10. Atividades desenvolvidas por áreas curriculares	46
Quadro 11. Listagem do Património Cultural abordado	49
Quadro 12. Listagem de pratos típicos de Viana do Castelo referidos pelos alunos.....	56

LISTA DE ABREVIATURAS

PES – Prática de Ensino Supervisionada

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PEI – Plano Educativo Individual

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

NOTA INTRODUTÓRIA

Este relatório está inserido na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), relativa ao segundo ano de mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.

O manual escolar assume um papel relevante na nossa sociedade, sendo utilizado por toda a comunidade educativa. Como tal é fundamental que a informação que contém seja correta do ponto de vista científico, mas também pedagógico e linguístico. Isto porque é um recurso no qual os alunos, mas também os professores e encarregados de educação, depositam a sua confiança.

Assim, com este relatório pretendíamos conhecer as opiniões dos alunos, encarregados de educação e professores acerca da importância deste recurso. Tendo em conta os resultados obtidos pareceu-nos importante criar um manual/livro referente ao Património da cidade de Viana do Castelo.

Para além da presente nota introdutória, o documento está organizado em três capítulos subsequentes. O primeiro é referente à PES II, onde caracterizamos o contexto educativo, fazendo referência às características socioeconómicas, educativas e curriculares. Mencionamos ainda as áreas de intervenção e as conexões efetuadas, apresentando um exemplo em concreto.

Seguidamente, surge o capítulo II que diz respeito ao trabalho de investigação, estando organizado em várias secções. Primeiramente, apresentamos os motivos que nos levaram a escolher a temática, bem como as questões que orientaram esta investigação. Na segunda secção, fazemos referência à literatura relativa ao tema central desta investigação, tendo em conta os autores, estudos e trabalhos realizados por profissionais da área em estudo. Numa terceira secção referimos as opções metodológicas, nomeadamente a metodologia qualitativa com contornos de investigação-ação, bem como os métodos de recolha de dados, os participantes e a calendarização do trabalho de investigação. A apresentação e análise de dados também é uma secção deste estudo. Nesta apresentamos as tarefas e atividades realizadas, assim como a análise dos dados recolhidos. Para finalizar este capítulo damos a conhecer as conclusões a que chegamos,

tendo em conta as questões que levantamos inicialmente, quando decidimos realizar este estudo.

Para concluir, no capítulo III, surge a reflexão global relativa à PES I e PES II. Reflete-se sobre o trabalho realizado ao longo de dois semestres em estágio nos contextos pré-escolar e 1.ºciclo.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PES II

Neste primeiro capítulo fazemos uma breve apresentação do contexto educativo, onde decorreu a PES II, nomeadamente a caracterização da escola, dos alunos envolvidos e suas famílias. Os dados que apresentamos basearam-se no Plano Curricular de Turma, cedido pela professora cooperante, e na observação realizada ao longo da PES II.

Explicitamos ainda as áreas de intervenção e as conexões efetuadas.

Características do contexto educativo

A Prática de Ensino Supervisionada II realizou-se numa escola pública, urbana, pertencente ao concelho e distrito de Viana do Castelo. O seu edifício é composto por dois pisos. O quadro que se segue mostra como é constituído cada piso.

Quadro 1

Caracterização do edifício

Rés-do-chão	1.º Piso
<ul style="list-style-type: none">• Gabinete de primeiros socorros• Gabinete de NEE• Sala das auxiliares• Sala dos professores• 3 Salas de aula• Casas de banho (alunos e professores)	<ul style="list-style-type: none">• 4 Salas de aula• Sala de materiais• Sala de computadores• Casas de banho (alunos e professores)

Para além destes dois pisos a escola possui ainda um outro edifício composto por três pisos. No rés-do-chão localiza-se a cantina. No 1.º piso funciona o ginásio, onde decorrem as atividades físico-motoras. No ginásio existem dois balneários, um para as raparigas, outro para os rapazes, e material de apoio à prática das atividades físico-motoras. No 2.º piso encontra-se a biblioteca escolar.

O espaço exterior é em cimento, não possui espaços verdes e é reduzido para o número de alunos que frequentam esta escola.

A sala de aula onde decorreu a PES II estava equipada com computador portátil, quadro interativo e quadro de giz. As paredes laterais possuíam cortiça, para se poderem colocar cartazes e trabalhos realizados pelos alunos.

Características socioeconómicas

A turma onde se realizou este estudo frequentava o 3.º ano do ensino básico, sendo constituída por trinta alunos, treze do género feminino e dezassete do género masculino. Os alunos tinham sete ou oito anos, à exceção de um, que tinha nove anos.

Os pais e encarregados de educação participavam, de forma ativa, nas atividades escolares e no acompanhamento dos seus educandos. Contactavam com frequência a professora titular e quando esta os contactava compareciam.

Os alunos, na sua maioria, pertencem a uma estrutura familiar que se caracteriza como nuclear. No que respeita ao número de irmãos, que cada aluno possui, verificava-se uma grande predominância de alunos com apenas um irmão (vinte alunos). Apenas dois tinham dois irmãos e oito eram filhos únicos.

No que respeita às habilitações literárias dos pais constatou-se que a maioria possui o 3.º ciclo e o ensino secundário. As mães possuem mais habilitações que os pais. As habilitações predominantes nas mães são o 3.º ciclo, o ensino secundário e ensino superior (licenciatura). Por outro lado, as habilitações predominantes nos pais são o 3.º ciclo e o ensino secundário.

O setor terciário predomina nas atividades profissionais dos pais e encarregados de educação. Apenas seis pais trabalham no setor secundário. Contudo seis pais encontravam-se desempregados e um reformado.

Características educativas

A turma, onde decorreu a PES II, é caracterizada por ter diferentes ritmos de trabalho e aprendizagem. Nesta existiam dois alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), que possuíam um Programa Educativo Individual (PEI). Um desses alunos era portador de síndrome de Asperger e o outro revelava dificuldades em todas as áreas curriculares, tendo ficado retido no segundo ano de escolaridade.

Para além desses existiam três alunos medicados, devido à hiperatividade, e seis a quem era aplicado diferenciação pedagógica, devido a dificuldades, sobretudo na área do Português.

Constatamos que um grupo de alunos é conflituoso, contudo este comportamento já era observado no ano letivo anterior. Esta turma, de 3.ºano, é fruto da junção de duas turmas diferentes, turmas que já evidenciavam problemas comportamentais.

Em relação aos interesses destes alunos salientam-se o gosto pelos jogos de computador, leitura e audição de histórias e execução de trabalhos manuais. Gostam ainda de participar em jogos, cantar e fazer atividades físico-motoras. De uma forma geral, os alunos demonstravam ser criativos e interessados em aprender. Todos gostavam de trabalhar, realizar trabalhos de grupo e fazer pesquisas, independentemente do tema ou áreas abordadas.

De um modo geral, cerca de metade desta turma encontrava-se no nível satisfaz bastante, apesar dos diferentes ritmos de aprendizagem.

Características curriculares

Como já referimos anteriormente a turma apresenta diferentes ritmos de aprendizagem, apresentando algumas dificuldades, mas também potencialidades. No quadro que se segue apresentamo-las.

Quadro 2

Dificuldades e potencialidades da turma nas diferentes áreas curriculares

Área curricular	Características curriculares
Português	<p>Alguns alunos revelaram dificuldades em realizar uma leitura fluente, com ritmo e entoação, apresentando dificuldades em se expressar oralmente.</p> <p>Relativamente à produção de textos, os alunos, revelaram criatividade e imaginação. Ao longo da PES II foi trabalhada a produção de textos. Os alunos demonstraram evolução, sendo capazes de identificar as fases necessárias para redigir um texto coerente e coeso. A maioria apresentava uma caligrafia legível, contudo alguns apresentavam problemas de ortografia.</p> <p>A nível gramatical não apresentavam grandes dificuldades, uma vez que existia uma rotina onde eram trabalhados conceitos deste domínio.</p>
Matemática	<p>Os alunos demonstravam facilidade na leitura e escrita de números, contudo apresentavam dificuldades no cálculo. Os algoritmos que envolviam compensação e transporte trouxeram dificuldades a alguns alunos, mas foram colmatadas com o treino. Era uma turma que trabalhava constantemente o cálculo mental, tendo alguns elementos muito bons, que respondiam com rapidez e assertividade. O facto de participarem e competirem em torneios ajudou no desenvolvimento do cálculo e raciocínio matemático.</p> <p>Uma das dificuldades prendia-se com a interpretação dos problemas. Foi realizado trabalho de interpretação com os alunos para ajudar a ultrapassar esta dificuldade. Foi notória a evolução.</p>
Estudo do Meio	<p>Área onde os alunos demonstravam mais interesse e entusiasmo. A partilha de ideias, vivências e curiosidades faziam com que os alunos participassem de forma ativa. Todos participavam e queriam participar, independentemente da temática.</p>
Expressões	<p>Das quatro áreas que compõem as Expressões apenas podemos falar de três. Relativamente à Físico-motora os alunos demonstravam empenho e vontade na prática das tarefas. A nível da Expressão Musical revelaram facilidade na interpretação de músicas aplicando os conceitos de altura, dinâmica, ritmo e realizando cânone. Já no que respeita à Expressão Plástica o desenho e a pintura eram as tarefas de eleição. Alguns alunos destacavam-se no desenho fazendo desenhos com pormenor e parecidos com a realidade.</p>

Face ao exposto, tendo em conta o Plano Curricular de Turma e a observação realizada, podemos colocar esta turma num nível de satisfaz bastante. É nas áreas

curriculares de Português e Matemática que os alunos apresentavam mais dificuldades. Na área de Estudo do Meio os alunos não revelaram grandes dificuldades. Esta é a área em que se sentem mais à vontade, participando ativamente, a par da área das Expressões.

Áreas de intervenção e conexões efetuadas

Durante um semestre (outubro a janeiro) estivemos em estágio no 1.º ciclo. Durante as doze semanas de intervenção tentamos, sempre que possível, estabelecer conexões entre as diferentes áreas curriculares.

Durante o estágio, na maioria das vezes estabelecemos conexões entre as áreas de Português, Estudo do Meio, Expressões Plástica e Musical. Devido aos temas e conteúdos das restantes áreas não foi possível estabelecer conexões. Das quatro áreas que integram as Expressões apenas não trabalhamos a Expressão Dramática, por falta de tempo e oportunidade.

Sendo a área de intervenção desta investigação o Estudo do Meio, vertente Social, apresentamos em anexo um planificação onde se pode verificar a existência de conexões entre esta área e as áreas de Português e Expressão Plástica (Anexo I).

Pode dizer-se que a área de Estudo do Meio se tornou uma área convergente, isto é, uma espécie de área nuclear que poderia ser motor das restantes, pois nos seus objetivos e conteúdos, encontramos, explícita ou implicitamente, configuradas as quatro grandes opções ou princípios orientadores do programa. (Félix & Roldão, 1996, pp.63-64)

Segundo as mesmas autoras os quatro princípios orientadores relacionam-se com:

- 1- Reforço das atividades de expressão;
- 2- Valorização das aprendizagens relativas ao domínio das competências básicas;
- 3- Importância das atividades de descoberta e do conhecimento da realidade natural e social que envolvem o aluno;
- 4- Valorização do desenvolvimento das capacidades cognitivas básicas, aptidões, atitudes e valores. (Félix & Roldão, 1996,p. 63)

CAPÍTULO II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

Orientação para o problema e questões de investigação

O problema desta investigação surge de um gosto e interesse próprio pela temática dos manuais escolares. Este foi despertado após uma abordagem ao tema na unidade curricular de Didática do Conhecimento do Mundo e Estudo do Meio. Nesta área curricular apresentamos e discutimos a apreciação de dois manuais escolares, tendo por base a grelha de apreciação de manuais escolares do Ministério da educação. Desde então que tenho procurado saber um pouco mais sobre esta temática.

Na nossa sociedade, onde a informação que nos rodeia chega a todos pelos mais diversificados meios de comunicação, somos confrontados com a temática dos manuais escolares quando se inicia o regresso às aulas. As notícias são variadas, ora são as dificuldades dos encarregados de educação em adquirirem este recurso, ora são as campanhas de venda ou de reutilização do mesmo.

Sendo que, quando o ano letivo está para começar, este tema é bastante falado quisemos, nesta investigação, torná-lo tema central, uma vez que é um recurso bastante utilizado nas atividades educativas.

Na atualidade o manual escolar continua a desempenhar um papel preponderante no contexto educativo enquanto recurso pedagógico a ser usado quer por alunos, quer por professores, embora com funções diferentes.

Apesar da enorme explosão de suportes de ensino, informatizados, audiovisuais, Internet e outros, o manual escolar continua a ser de longe o suporte de aprendizagem mais difundido e o mais usado pelos professores, presente em todas as salas de aula. (Solé, 2014, p. 44)

Tornou-se assim pertinente perceber qual a importância dada pelos alunos, professores e encarregados de educação ao manual escolar no processo de ensino-aprendizagem. Para Rego, Gomes e Balula (2010)

O manual escolar é o primeiro recurso educativo que, numa sociedade com o ideal de disponibilizar o acesso a uma educação de qualidade para todos, está acessível a todos os alunos, independentemente do seu estatuto cultural, sócio-económico ou da região em que vivem. (p. 130)

Do nosso ponto de vista o manual escolar é um livro de apoio, um recurso, para o professor, tal como é definido na LBSE, mas também o é para os alunos e encarregados de educação. Será que os professores o veem e utilizam como um recurso ou farão uso exclusivo deste? E os alunos, que importância atribuem ao manual escolar? Qual será a opinião dos encarregados de educação sobre esta temática. Terá o manual escolar importância no momento de acompanhar e ajudar os seus educandos nos trabalhos de casa e no estudo?

A opinião dos alunos e encarregados de educação é fundamental para os professores, pois permite-lhes saber o significado que o manual escolar tem e o uso que fazem dele, favorecendo a relação escola-família.

Face ao exposto surgiu a necessidade de elaborar uma questão que ajudou na definição do problema, tornando-se a base deste trabalho de investigação. Foi definida a seguinte questão problema: *Que importância tem o manual escolar para os alunos, professores e encarregados de educação?*

De modo a dar resposta à questão problema foram elaboradas as seguintes questões orientadoras:

- *Como utilizam os alunos o manual escolar?*
- *Como é utilizado o manual escolar pelos professores no contexto sala de aula?*
- *Será o manual escolar um instrumento importante no processo de ensino e aprendizagem?*
- *Será o manual escolar importante para o acompanhamento dos trabalhos de casa dos educandos?*

Foram estas as questões que nortearam o nosso estudo de investigação e às quais daremos resposta na secção das conclusões.

Contudo, quisemos ir mais longe e trabalhar uma temática do Estudo do Meio. Assim, tendo por base os resultados dos inquéritos, principalmente o dos alunos, pareceu-nos importante envolvê-los na produção de um manual/livro.

Tendo por base os conteúdos a trabalhar relacionados com o Estudo do Meio Social, decidimos criar um livro relacionado com o tema do Património Histórico local. Esta ideia surge depois da observação e apreciação do manual escolar adotado, onde verificamos que não havia referência ao património da nossa cidade, apesar de apresentar imagens relativas ao Património Nacional.

No quadro que se segue apresentamos os conteúdos contidos no Programa do 1.º ciclo que se relacionam com tema.

Quadro 3

Conteúdos do programa de Estudo do Meio relacionados com a temática (Ministério da Educação, 2004, pp. 112-113)

Bloco	Indicadores programáticos
<p>Bloco 2- À descoberta dos outros e das instituições</p>	<p>O passado do meio local:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar figuras da história local presentes na toponímia, estatuária, tradição oral. • Conhecer factos e datas importantes para a história local (origem da povoação, concessão de forais, batalhas, lendas históricas...). • Conhecer vestígios do passado local: <ul style="list-style-type: none"> — Construções (habitações, castelos, moinhos, antigas fábricas, igrejas, monumentos pré-históricos, pontes, solares, pelourinhos...); — Costumes e tradições locais (festas, jogos tradicionais, medicina popular, trajes, gastronomia...); **• — Feriado municipal (acontecimento a que está ligado). • Reconhecer a importância do património histórico local.

Assim, este pequeno manual/livro surge como um auxílio, um suporte, que pretende “contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito pelo património histórico, sua conservação e valorização” (Ministério da Educação, 2004, p. 104).

De modo a que o produto final fosse um manual/livro relativo ao Património Histórico local foram efetuadas várias atividades. Realizaram-se atividades de leitura e escrita coletiva; conhecimento do Património Histórico local; atividades de Expressão Plástica; e para finalizar uma apresentação oral do manual produzido.

Podemos dizer que a temática deste estudo apresenta um assunto atual e real da nossa sociedade, sendo um tema transversal às várias áreas curriculares do 1.º ciclo do ensino básico. Possui ainda um foco no Estudo do Meio, na vertente Social, num tema que contribui para o desenvolvimento da consciência patrimonial.

Enquadramento teórico

O manual escolar

Antes de definir manual escolar pareceu-nos importante definir, isoladamente, estas duas palavras. Segundo o dicionário *online* Priberam da Língua Portuguesa, entende-se que manual¹ é um “livro que sumariza as noções básicas de uma matéria ou assunto”, é algo “que se transporta facilmente”. Já no que respeita à noção de escolar², o mesmo dicionário define como sendo “próprio da escola”.

Tendo em consideração as definições de manual e escolar podemos definir manual escolar como sendo um livro próprio da escola, que contém informação sobre uma determinada matéria, de forma sumariada.

Passemos agora a uma definição segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE). O manual escolar é, segundo a LBSE “um recurso privilegiado” nas atividades educativas (Lei n.º 46/86, Artigo 41.º, p. 3077).

A Lei 47/2006 - Lei que define a avaliação, certificação e adoção de manuais escolares bem como os princípios e objetivos a que deve obedecer o apoio socioeducativo relativamente à aquisição e ao empréstimo de manuais escolares - no artigo 3.º, alínea b, define-o da seguinte forma:

«Manual escolar» o recurso didático-pedagógico relevante, ainda que não exclusivo, do processo de ensino e aprendizagem, concebido por ano ou ciclo, de apoio ao trabalho

¹ "manual", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/manual> [consultado em 16-03-2014].

² "escolar", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/escolar> [consultado em 16-03-2014].

autónomo do aluno que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional para o ensino básico e para o ensino secundário, apresentando informação correspondente aos conteúdos nucleares dos programas em vigor, bem como propostas de atividades didáticas e de avaliação das aprendizagens, podendo incluir orientações de trabalho para o professor. (Lei n.º 47/2006, artigo 3.º, p.6213)

Nesta definição podemos constatar que apesar de ser um “recurso relevante” o manual não é de uso “exclusivo”. É de realçar a importância dada ao “trabalho autónomo do aluno”, para o qual o manual deve propor atividades que contribuam para o “desenvolvimento de competência e aprendizagens”.

Afonso e Barca (2013), tendo em conta a definição de manual escolar, apresentada na Lei 47/2006, e indo de encontro ao exposto acima referem que

O manual escolar deixou de ser entendido, como um *recurso exclusivo* no processo de ensino e aprendizagem, produzindo significativas alterações na conceção de manual escolar e na forma como se entende o percurso escolar do aluno, diversificando as perspetivas em relação ao saber e às fontes de informação a consultar. O *trabalho autónomo* do aluno ganha relevância, o que deverá corresponder, no manual, a propostas de atividades que proporcionem, mais do que a aplicação, a pesquisa em fontes de informação diversificadas e a avaliação de saberes, capacidades e competências definidas no currículo. (p. 459)

Este recurso educativo é adotado pelas escolas e utilizado por toda a comunidade escolar. A sua aquisição é assegurada pela ação social escolar que se destina “a apoiar as famílias, particularmente as mais carenciadas, no acesso aos manuais e demais recursos” (Lei n.º 47/2006, artigo n.º 28, p. 6217).

Face ao exposto pode-se concluir que o manual escolar é um recurso, devendo ser encarado como tal, como um auxiliar de ensino e não como o único recurso. É importante que os professores tenham isto em consideração e, nas suas atividades educativas, utilizem outros recursos pedagógico-didáticos, que se adaptem ao seu contexto, à sua turma. Leite (2003, citada por Peixinho, 2011) defende que

Os manuais escolares podem constituir um bom auxiliar quer do ensino, quer da construção das aprendizagens, desde que sejam usados precisamente como isso, ou seja, como um auxiliar e não como o único meio de ensino, e como a única fonte para a construção dessa aprendizagem. (p.28)

No processo de ensino-aprendizagem o manual escolar é detentor de várias funções. Gérard e Roegiers (1998) afirmam que para o aluno, o manual, pode assumir funções ligadas à aprendizagem e funções que designam de “*interface* com a vida

quotidiana e profissional”. As primeiras dizem respeito à “transmissão de conhecimentos, ao desenvolvimento de capacidades e de competências, à consolidação das aquisições e à avaliação das aquisições”. No que respeita às “funções de *interface* com a vida quotidiana e profissional” o manual tem a “função de ajuda na integração das aquisições; função de referência e função social e cultural”(pp. 75 – 83).

Para Solé (2014) as funções acima referidas correspondem à atualidade, sendo que os manuais escolares devem “dar respostas a novas necessidades”. Estas necessidades são: “desenvolver nos alunos hábitos de trabalho, propor métodos de aprendizagem, integrar os conhecimentos adquiridos no dia-a-dia, desenvolver capacidades e competências, consolidar conhecimentos e promover a avaliação das aquisições” (p.44). Estas assumem papéis específicos podendo estar voltadas “para as aprendizagens escolares; outras permitem estabelecer uma ligação entre estas aprendizagens escolares e a vida quotidiana ou ainda com a (futura) vida profissional” (p.44).

Gérard e Roegiers (1998) também atribuem uma função principal relativa ao manual do professor, que designam de “funções de formação”. Este manual deve contribuir para o desenvolvimento de “inovações pedagógicas”, cujo “objetivo é contribuir com instrumentos que permitam aos professores um melhor desempenho do seu papel profissional no processo de ensino-aprendizagem” (p. 89). Assim, as funções de formação relacionam-se com “funções de informação científica e geral; função pedagógica ligada à disciplina; função de ajuda nas aprendizagens e na gestão das aulas; função de ajuda na avaliação das aquisições” (Gérard e Roegiers, 1998, pp.90 - 91).

Por outro lado Choppin (2004) considera que os manuais escolares são detentores de quatro funções essenciais. Estas podem variar dependendo do ambiente sociocultural, época, disciplinas, níveis de ensino, métodos e formas de utilização. O quadro que se segue (Quadro 4) apresenta a descrição de cada uma das funções defendidas por estes autores.

Quadro 4

Funções essenciais dos manuais escolares segundo Choppin (2004)

Função	Descritor
Função referencial	Esta pode também ser designada de curricular ou programática. O livro didático é uma interpretação ou mesmo uma tradução do programa, sendo um suporte dos conteúdos educativos e um depósito de conhecimentos, técnicas ou habilidades a serem transmitidas às novas gerações, segundo as crenças de um determinado grupo social. (p.552)
Função instrumental	Relaciona-se com os métodos de aprendizagem e a proposta de exercícios ou atividades, que facilitem a memorização de conhecimentos, favoreçam a aquisição de competências e a apropriação de habilidades. (p.552)
Função ideológica e cultural	O livro didático é um recurso essencial da língua, da cultura e dos valores das classes dominantes. Importante na construção da identidade, assumindo um importante papel político. (p.552)
Função documental	É uma função recente e não é universal. É uma função desempenhada em ambientes pedagógicos que visam favorecer a autonomia e a iniciativa pessoal da criança. É através da observação ou confrontação de documentos textuais ou icônicos, sem que a leitura seja dirigida, que se pode desenvolver o espírito crítico do aluno. (p. 553)

Para além das funções acima referidas, Santos (2001) menciona que o manual escolar é “o principal guia curricular de muitos professores”, sendo um “modelo uniforme” que é “utilizado por todos os membros da sociedade escolar”. É também “um elemento modalizador do processo de ensino e de aprendizagem”, tendo um importante papel “como modelo de comunicação de conhecimentos e de métodos”. Assim torna-se “determinante quanto à forma como os professores encaminham as suas aulas” (pp. 134-135).

Também Pacheco (2007), indo de encontro ao exposto anteriormente, refere que o manual escolar é “o material curricular de interpretação dos programas, elaborado em conformidade com os objectivos, conteúdos e orientações de determinada disciplina traçados ao nível da prescrição curricular”(p. 200).

Como tal este recurso assume, no contexto educativo, um papel essencial e incontornável, apesar do constante desenvolvimento da sociedade. Uma sociedade cada vez mais tecnológica, que oferece um vasto e variadíssimo leque de recursos pedagógico-didáticos. O manual escolar é considerado “uma ferramenta centralizadora do processo de ensino-aprendizagem”, sendo reconhecida a sua importância por todos os intervenientes do contexto educativo (Rego et al., 2010, p. 131).

Tendo em vista a melhoria da qualidade da educação torna-se fundamental garantir a qualidade deste recurso, uma vez que é bastante utilizado no contexto educativo. A Lei 47/2006 vem de encontro a essa melhoria, uma vez que tem por objetivos:

Garantir a qualidade científica e pedagógica dos manuais a adoptar, assegurar a sua conformidade com os objectivos e conteúdos do currículo nacional e dos programas ou orientações curriculares em vigor e atestar que constituem instrumento adequado de apoio ao ensino e à aprendizagem e à promoção do sucesso educativo. (Lei n.º 47/2006, artigo n.º 7, alínea 2, p.6214)

A mesma Lei define critérios de avaliação e decisão a que as comissões de avaliação devem obedecer. São critérios o rigor científico, linguístico e conceptual; a conformidade como os objetivos e conteúdos dos programas em vigor; a qualidade pedagógica e didática; a possibilidade de reutilização e adequação ao período de vigência; a robustez e o peso (qualidade material). As comissões devem ainda ter em conta os princípios e valores, nomeadamente o da não discriminação e o da igualdade de género, e ter em conta a diversidade quer social, quer cultural dos alunos (Lei n.º 47/2006, artigo n.º 11, p.6215).

O sistema de avaliação e certificação dos manuais escolares, segundo Rego et al. (2010), procura a “excelência”, tendo “potencialidades para garantir a melhoria da qualidade”. Contudo está um pouco “isolado no quadro dos países desenvolvidos” (p. 137).

Adoção dos manuais escolares

No que respeita à escolha dos manuais escolares existiram várias oscilações.

Com a reforma de 1936 é instituído um regime de estudos por disciplinas. Entre 1836 e 1947 os compêndios são escolhidos pelos *Concelhos de Lyceus*, critério que se manteve até à reforma de 1863. Com esta reforma é instituída a centralização do processo, assim como a uniformização da sua utilização. Contudo em 1844 volta-se a um processo descentralizado do Governo. Cabe aos professores e respetivas escolas propor os compêndios a utilizar. Até 1905 existem várias oscilações (Pacheco, 2007).

Em 1905 o livro único é rejeitado, cabendo aos professores escolher o manual de entre uma lista publicada em Diário do Governo. Em 1936 é instituído o livro único para cada disciplina, sendo que em 1968 o manual é considerado um instrumento didático (Pacheco, 2007).

A partir de 1974 os professores têm autonomia e liberdade, no que respeita à escolha dos livros, abandonando-se o livro único. O ministério assume a função de regulação de critérios de qualidade pedagógica e científica.

Atualmente a Lei n.º 47/2006, 28 de agosto, o Decreto-Lei n.º 5/2014, de 14 de janeiro, e a Portaria n.º 81/2014, de 9 de abril, definem o regime de avaliação, certificação e adoção dos manuais escolares.

A adoção dos manuais é da competência do Conselho Pedagógico, do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, que recebe as propostas dos diversos departamentos curriculares. Estas devem ser fundamentadas, tendo em conta o preenchimento da grelha de apreciação disponibilizada pelo Ministério da Educação e Ciência.

Neste momento existem duas grelhas de critérios de apreciação, seleção e adoção de manuais escolares. Uma das grelhas refere-se à apreciação dos manuais não certificados, a outra à dos manuais avaliados e certificados. Ambas apresentam critérios para a *Organização e Método* e para a *Informação e Comunicação*. O que as difere é que a referente aos manuais não certificados apresenta mais um campo de apreciação denominado *Características Materiais*. Cada uma das componente a avaliar traduz-se numa apreciação de *Muito Bom*, *Bom*, *Suficiente* e *Insuficiente*.

De seguida, apresentamos o calendário de adoção de manuais escolares (Quadro 5), tendo em conta a informação disponibilizada na página oficial do Ministério da Educação e Ciência.

Quadro 5

Calendário de adoção dos manuais escolares do 1.º ciclo

Ano em que se adota	Ano letivo referente à adoção	Ano de escolaridade	Área curricular
2010	2010/2011	1.º ano	Estudo do Meio, Matemática e Português
		3.º ano	Matemática
2011	2011/2012	2.º ano	Estudo do Meio, Matemática e Português
		4.º ano	Matemática
2012	2012/2013	3.º ano	Estudo do Meio e Português
2013	2013/2014	4.º ano	Estudo do Meio e Português

Na página oficial do Ministério da Educação e Ciência encontramos toda a legislação referente a este processo.³

Um panorama do ensino da história desde 1901

A reforma, referente à instrução primária, de 1901, bem como os programas publicados em 1902 estavam em vigor quando se instalou a República. O 2.º grau de ensino (4.ª classe) incluía a disciplina “História da Pátria”, não fazendo parte do 1.º grau (três primeiras classes). Contudo não era sinónimo da ausência da história no ensino obrigatório (1.º grau), estava presente de um modo menos explícita. Tal como refere Pintasilgo (2001) a história era de carácter política e descritiva, apelando à sequencialização e memorização de factos (p. 3).

³ Página Oficial do Ministério da Educação e Ciência
<http://www.dgicd.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=65>

Aquando da reforma de 1918 o ensino é dividido em dois graus, o geral (5 anos) e o superior (3 anos).

Segundo o mesmo autor o manual escolar é “um veículo privilegiado, . . . um instrumento de poder . . . fundamental no projeto de formação dos cidadãos” (Pintassilgo, 2001, p. 5).

Após a implementação da República os manuais, incluindo os de história, pouco ou nada diferem dos anteriores. A legislação apelava “a uma cuidada revisão e actualizados segundo as novas instituições Republicanas do Estado” (Diário do Governo, n.º 41/1910, p. 513).

Entre 1910 e 1926 o ensino primário é privilegiado, face ao ensino secundário. Apesar das várias reformas existentes, muitas não trouxeram nada de novo.

Em 1913 é criada uma comissão, digamos de avaliação dos manuais, cuja função era examinar os livros impressos e adotados nas escolas.

Só em 1919 e 1921 é que são aprovados os novos programas, isto após a reforma de 1918. Os manuais “adoptam algumas das concepções pedagógicas agora definidas . . . qualidade gráfica, adequação ao nível etário dos alunos e uma mais generosa utilização de gravuras e mapas” (Pintassilgo, 2001, p.7). Os manuais tornam-se assim mais interativos, incluindo resumos, questionários, glossários. Os programas, de 1918, tendem a ser de fácil compreensão, discriminando objetivos para cada disciplina de cada ciclo, bem como propostas de atividades, conteúdos, livros, normas recomendadas e obrigatórias (Pacheco, 2007, p.197).

Durante o Estado Novo predominou a trilogia Deus-Pátria-Família tendo como objetivos educativos “a passividade e a desmobilização social” (Formosinho, 1987, citado por Pacheco, 2007, p. 181).

Em 1973, através da lei nº 5/73 de 25 de julho, o ensino básico tem a duração de oito anos, obrigatórios, correspondendo o ensino primário aos quatro primeiros anos.

Desde 1960 que surgiram alterações no ensino da história do atual 1.º ciclo. Segundo Pintassilgo (2001) a história visa “a educação, formação integral das crianças e jovens que frequentam a escola primária” (p.8).

Por outro lado, José Santa Rita (1914, citado por Pintassilgo, 2001) atribui ao ensino da história dois valores, o moral e o social ou histórico. O valor moral diz respeito aos atos de coragem, amor pela pátria, amor e verdade. Por outro lado o valor social ou histórico prende-se à evolução da sociedade. Assim, e segundo Pintassilgo (2001) a história assume uma “função moralizadora”, assente na “transmissão de valores”. Os manuais, através de textos, figuras, ações e princípios tentam estabelecer correspondência com a função moralizadora. Também a história possui uma função social onde a consciencialização da evolução da sociedade e da noção do tempo permite à criança identificar-se com o progresso (Pintassilgo, 2001, p.9).

Em 1990 a história passa a integrar-se na “área de Estudo do Meio incluindo o estudo do «passado do meio local», o «passado nacional», e os «símbolos nacionais» ” (Freitas, 2005, p.2139).

O programa oficial de Estudo do Meio apresenta esta área curricular como sendo composta por “conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, a Etnografia, entre outras, procurando-se, assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade” (Ministério da Educação, 2004, p.101).

Este organiza-se em seis blocos de conteúdos, apresentados de uma forma lógica. Contudo, cabe ao professor recriar o programa tendo em vista as características particulares de cada turma e do meio local, uma vez que este é flexível e aberto (Ministério da Educação, 2004, p.102).

Cada bloco é intitulado “À descoberta de...”. Para Roldão (1995) a atribuição deste título “não é casual”, pois “tal formulação corresponde à intenção expressa no programa de incentivar no aluno atitudes de pesquisa, competências de observação, de busca e selecção de informação, de construção do próprio conhecimento, ou seja a prática de uma aprendizagem activa” (p. 37). Esta intenção leva o aluno à construção do seu próprio conhecimento.

A metodologia apresentada por Roldão (1995), metodologia da descoberta, é um meio para promover aprendizagens ativas. Entende-se por *aprendizagem ativa* o “desencadear e o desenvolver de *processos mentais activos*, em que o sujeito se envolve,

pondo em acção os seus mecanismos cognitivos e afetivos na aquisição ou construção de novos saberes” (Roldão, 1995, p. 31). Assim, o envolvimento cognitivo e afetivo, quer seja na tarefa quer no processo que esta desencadeia pressupõe uma aprendizagem ativa. Isto é “qualquer forma de aprender em que o sujeito se envolve activamente, mobilizando as suas funções cognitivas e o seu potencial de adesão afectiva para o acto ou tarefa que lhe é apresentado . . . face a determinado conceito ou conteúdo de aprendizagem” contribui para uma aprendizagem ativa (Roldão, 1995, p. 38).

O programa de Estudo do Meio engloba várias áreas do saber, que se agrupam em duas grandes áreas o Estudo do Meio Físico e o Estudo do Meio Social. É nesta última que se enquadra o ensino da História.

No quadro que se segue (Quadro 6) são expostos os objetivos do Estudo do Meio Social, uma vez que o estudo apresentado neste relatório diz respeito a esta área.

Quadro 6

Objetivos do Estudo do Meio Social, de acordo com o programa curricular (Ministério da educação 2004, p.103)

Objetivos
<ul style="list-style-type: none"> - Estruturar o conhecimento de si próprio, desenvolvendo atitudes de autoestima e de autoconfiança e valorizando a sua identidade e raízes. - Identificar os principais elementos do Meio Social envolvente comparando e relacionando as suas principais características. - Identificar problemas concretos relativos ao seu meio e colaborar em ações ligadas à melhoria do seu quadro de vida. - Desenvolver e estruturar noções de espaço e de tempo e identificar alguns elementos relativos à História e à Geografia de Portugal. - Utilizar alguns processos simples de conhecimento da realidade envolvente, assumindo uma atitude de permanente pesquisa e experimentação. - Seleccionar diferentes fontes de informação e utilizar diversas formas de recolha e de tratamento de dados simples (entrevistas, inquéritos, cartazes, gráficos, tabelas). - Utilizar diferentes modalidades para comunicar a informação recolhida. - Reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas, rejeitando qualquer tipo de discriminação.

Educação Histórica

Na sociedade em que vivemos onde a informação está presente em qualquer parte, sendo múltipla e variada sobre os diversos temas, existem diferentes opiniões/visões do que nos rodeia, que por vezes se confrontam condicionando os nossos conhecimentos, interpretações e emoções.

Na História acontece o mesmo, pois existem diversas interpretações e explicações para dar sentido ao passado. Através dos meios de comunicação (televisão), das novas tecnologias (internet), do meio, da escola, as crianças e jovens são confrontados com diversas versões sobre um determinado acontecimento. Barca (2001) afirma que

O meio familiar, a comunidade local, os *media*, especialmente a tv, constituem fontes importantes para o conhecimento histórico dos jovens, que a escola não deve ignorar nem menosprezar. É a partir da detecção dessas ideias – que se manifestam ao nível do senso comum, e de forma muitas vezes fragmentada e desorganizada- que o professor poderá contribuir para as modificar e tornar mais elaboradas. (p.15)

A educação histórica não se limita apenas a escolher os meios/ referências. Exige que se tenha em conta as ideias prévias de quem vai aprender e explorá-las no contexto de sala de aula. Parte assim do que as crianças já conhecem para aprofundar, posteriormente, esse acontecimento ou conteúdo. Estas metodologias, tal como afirma Barca (2007) “favorecem a auto-confiança dos alunos, potenciam a motivação para aprender mais e melhor acerca da aventura humana através dos tempos” (p. 7).

Este tipo de investigação, em educação histórica, é recente em Portugal e Espanha, porém desde os anos 70 do século XX que se desenvolve em vários países como Inglaterra, Estados Unidos e Canadá. A nível teórico parte da natureza do conhecimento histórico, a nível metodológico através da análise de ideias das crianças e jovens sobre o assunto. A metodologia da descoberta, aplicada nas seções de Estudo do Meio Social, é uma aliada deste tipo de investigação, uma vez que

A área do Estudo do Meio assenta em pressupostos metodológicos de *exploração ativa* da realidade e de *descoberta*, . . . , o que aponta para um trabalho com os alunos em que estes se envolvam em processos de aprendizagem ativos, assentes em metodologias de descoberta, e apoiados em atividades intelectuais de construção de saber. (Roldão, 1995, p. 31)

Educar para o Património

Outra preocupação fundamental que tivemos neste relatório e durante a investigação foi evidenciar o papel do manual escolar na definição e reconhecimento do Património local.

O Património, segundo Almeida (1993), “é o que tem qualidade para a vida cultural e física do homem e para a existência e afirmação das diferentes comunidades”, possuindo assim um duplo aspeto, ou seja, “o de «património como valor de identidade e de memória» de uma comunidade e, sobretudo, o de «património como qualidade de vida»”(pp. 407-408).

A lei de bases do Património estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do Património cultural. No artigo 2.º, na alínea 3, designa a terminologia utilizada para os diferentes tipos de Património de interesse cultural relevante. “O interesse cultural relevante, designadamente **histórico**, paleontológico, **arqueológico**, **arquitectónico**, linguístico, documental, artístico, **etnográfico**, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural reflectirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade” (Lei n.º 107/2001, p. 5808).

No contexto educativo a LBSE relativamente ao Património menciona que “o sistema educativo organiza-se de forma a contribuir para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal, através da consciencialização relativamente ao património do povo português” (Lei n.º 46/86, artigo 3.º, alínea a, p. 3068).

Assim sendo, a Educação Patrimonial, segundo Pereira e Cardoso (2010), deve contribuir para a construção da consciência histórica, indo de encontro à identidade individual e coletiva de um país. Esta deve estabelecer uma “relação de afeto da comunidade pelo património”, aproximando a população “ao património, à memória aos bens culturais, de forma agradável e lúdica, devendo contemplar todos os grupos de idades e ser aplicada a qualquer bem cultural”(p. 113).

A consciência histórica, tal como o Património, “é a construção simbólica e, do mesmo modo que a identidade, comporta um processo de apropriação simbólica do real”

(Pinto, 2011, p. 28). Esta exprime-se, segundo a mesma autora, através de representações do passado, podendo manifestar-se em “linguagem oral ou objetivada, ou em imagens concretas, como monumentos e símbolos históricos, que se multiplicam no mundo da cultura” (p.31).

Para Rüsen (2001), como citado em Pinto (2011, p.30), a consciência histórica estimula e é influenciada pelas experiências, estando a atribuição do significado influenciada pelo contexto onde ocorre. “A consciência histórica do sujeito liga o passado ao presente de forma a conferir à realidade presente uma perspectiva futura” (Rüsen, 2001, citado por Pinto, 2011, p.30).

A temática do Património é fundamental, devendo “ser aprendida ao longo de todo o processo de educação dos jovens, e transversal, porque é abordada em todas as áreas curriculares” (Pereira & Cardoso, 2010, p.116-117).

Machado Pais (1999, citado por Pereira & Cardoso, 2010) menciona a importância da educação patrimonial na sala de aula, ao referir que

Os jovens nas suas aulas, principalmente nas de História, façam “uma aprendizagem *regionalista/patrimonial*, onde o importante é aprender a *reconhecer as tradições, características, valores e tarefas da nação ou sociedade* em que se nasceu ou vive; aprender a *valorizar a preservação das ruínas históricas e das construções antigas* do património histórico”. (p.114)

Indo de encontro ao defendido por Machado Pais, no ensino do Estudo do Meio, mais especificamente no estudo do Meio Social, é dada importância ao estudo do Património Histórico e Cultural, sendo mesmo um objetivo geral desta área. Na introdução do bloco dois, do programa de Estudo do Meio, intitulado “À descoberta dos outros e das instituições” é dada ênfase a essa importância ao mencionar que “ é importante que os alunos reconheçam que os vestígios de outras épocas (sejam eles monumentos, fotografias, documentos escritos, tradições, etc.) constituem fontes de informação que eles podem utilizar, de uma forma elementar, na reconstituição do passado” (Ministério da Educação, 2004, p.104).

Tal como defende Pereira e Cardoso (2010) a escola detém um papel preponderante na divulgação e preservação do Património, que “a educação patrimonial seja um investimento, em termos de quantidade e qualidade, por parte de todos os

intervenientes, para que os nossos jovens futuramente possam exercer a sua cidadania de forma consciente” (p. 121).

Podemos concluir que a educação patrimonial contribui para a formação dos cidadãos, para a consciencialização do passado, do presente e do futuro. O papel da escola é fundamental, uma vez que permite as crianças e jovens “aprender a reconhecer as tradições, características, valores do país e da região onde se nasceu ou se vive e, assim, aprender a valorizar e preservar o património” (Pereira & Cardoso, 2010, p.118). Também permite o desenvolvimento da empatia histórica, uma vez que os alunos recordam o seu passado, bem como o dos seus familiares, para construir o seu conhecimento. Para Lee “a empatia histórica pode ser melhor entendida como uma realização, algo que acontece quando sabemos o que o agente histórico pensou, quais os seus objectivos, como entenderam aquela situação” (LEE, 2003, citado por Nascimento).

Telmo (1986) é da opinião que os alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico “já se interessam pela sociedade em que vivem e pelos acontecimentos exteriores à sua casa e à escola”. Cabe ao professor ser um mediador ao explorar o meio de forma a conduzir os alunos à observação, à comparação e à crítica (p. 12).

Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho de investigação designa-se de qualitativa, possuindo contornos de investigação-ação.

A investigação qualitativa é a metodologia que mais se adequa à nossa investigação, uma vez que tentamos perceber as percepções dos intervenientes, procurando a compreensão. “Os investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística” (Bell, 1997, p. 20).

Investigação qualitativa em Educação

Antes de definir a investigação qualitativa façamos uma pequena referência àquilo que, segundo Máximo-Esteves (2008), é a investigação quantitativa “o denominado método científico, cujas bases assentam no paradigma positivista e no tratamento estatístico dos dados” (p. 17). Segundo a mesma autora a investigação qualitativa centra-se no “paradigma interpretativo e na análise discursiva e contextualizada” (Máximo-Esteves, 2008, p.17).

A investigação qualitativa apresenta, segundo Bogdan e Biklen (1994), cinco características que definem esta metodologia:

- *A fonte directa dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.* O investigador frequenta o local de estudo, uma vez que se preocupa com o contexto. As ações são melhor compreendidas quando observadas no ambiente habitual, ou seja no ambiente natural;
- *É descritiva.* “Os dados são em forma de palavras ou imagens e não em números”. Existe respeito pelo modo como os dados foram registados ou transcritos, quando se procede à análise dos mesmos.
- *Os investigadores interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelo resultado.*
- *Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.* À medida que os dados são recolhidos e analisados vão ganhando forma, isto é, inicialmente as coisas estão em aberto, tornando-se mais específicas, mais fechadas, com o decorrer da análise.
- *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.* Os investigadores interessam-se pelo modo como os participantes dão sentido à vida, sobre as perspetivas que têm acerca de determinado assunto.

Tendo em consideração as características acima descritas podemos constatar que a metodologia qualitativa enquadra-se perfeitamente nesta investigação. A investigação decorreu num ambiente natural, numa sala de aula, onde os participantes (alunos) estão inseridos, pois é um ambiente por eles conhecido. O investigador acompanha os

participantes, tendo com eles uma boa relação, preocupando-se com o processo e não com os resultados.

A investigação qualitativa dá ênfase ao “*contexto da descoberta antes e durante a recolha de dados*”, isto porque as questões e categorias de observação vão sendo definidas e ajustadas com o decorrer da investigação, podendo ser alteradas sempre que necessário (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 1990, p. 102).

Investigação-ação

A investigação-ação é um processo semelhante ao da investigação qualitativa, uma vez que, é dinâmico, interativo e aberto a possíveis e necessários ajustes, devido à análise dos contextos e fenómenos em estudo (Máximo-Esteves, 2008, p. 82).

Esta forma de investigar está associada à educação tendo em vista a melhoria das práticas educativas. “A investigação-ação não é uma metodologia de investigação sobre a educação, mas sim uma forma de investigar para a educação” (Coutinho et al., 2009, p.376).

De acordo com vários autores citados por Coutinho et al. (2009, pp. 362-363), a investigação ação tem as seguintes características:

- *Participativa e colaborativa.* Todos os intervenientes são “co-executores” da pesquisa, que se interessa pela melhoria.
- *Prática e interventiva.* Não se limita apenas à teoria. Intervém na realidade de modo a promover a mudança.
- *Cíclica.* A teoria e a prática estão “entrelaçadas”. É um ciclo em espiral, pois a descoberta inicial pode gerar mudança, que é implementada e avaliada, sendo a introdução ao ciclo seguinte.
- *Crítica.* Não se limita apenas a melhorar as práticas, mas a olhar a mudança com sentido crítico e autocrítico.
- *Auto-avaliativa.* As mudanças são sistematicamente avaliadas, adaptando-se e produzindo novos conhecimentos.

A investigação-ação é assim um ciclo contínuo, que implica planificar, atuar (ação), observar (avaliação) e refletir, com o intuito de melhorar a prática educativa e incrementar mudanças, de modo a melhorar os resultados.

O próprio professor é um investigador, uma vez que no dia-a-dia se depara com situações problemáticas e tem de agir. Para tal o professor necessita de examinar a sua prática e refletir, de modo a encontrar uma solução, tendo em vista um desenvolvimento curricular de qualidade. “Ser professor-investigador é ser capaz de se organizar para, perante uma situação problemática, se questionar intencional e sistematicamente com vista à sua compreensão e posterior solução” (Alarcão, 2001, p. 6).

Na PES II estivemos no terreno, em contexto sala de aula, e trabalhamos segundo esta metodologia. Todas as semanas tínhamos de planificar, atuar, observar e refletir sobre a nossa prática. Este ciclo permitia-nos melhorar e adaptar as atividades e métodos de ensino. Através da reflexão e observação podíamos planificar melhor, uma vez que tínhamos em conta as características do grupo e a aceitação do mesmo às atividades. Tal como defende Fischer (2001, citado por Máximo-Esteves, 2008) a investigação-ação é um processo contínuo que se “desenrola ao longo de todo o projecto” incluindo as seguintes ações “planear com flexibilidade, agir, reflectir, avaliar/validar, dialogar” (p. 82). Apesar dos ciclos investigativos não terem sido rigidamente cumpridos, em virtude da duração do estudo, a investigação-ação foi para nós um elemento de referência.

Participantes

O presente estudo foi desenvolvido numa escola do 1.ºciclo do ensino básico. Teve como participantes os alunos, de uma turma, os seus encarregados de educação e os professores dessa escola.

Participaram vinte e nove alunos, do 3.ºano de escolaridade. Apesar de a turma ser constituída por trinta alunos, apenas vinte e nove tiveram autorização dos encarregados de educação para participar neste estudo (Anexo II). À exceção de um participante como 9 anos os restantes tinham 8 anos.

Os professores que participaram neste estudo foram seis. Todos eles professores do 1.º ciclo na escola onde foi desenvolvido o estudo.

Neste estudo também os encarregados de educação participaram. De vinte e sete, visto na turma existirem irmãos, apenas quinze participaram.

Método de recolha de dados

Os instrumentos de recolha de dados utilizados para esta investigação foram inquéritos por questionário e observação participante.

Inquérito por questionário

O inquérito por questionário consiste “em colocar a um conjunto de inquiridos, uma série de perguntas relativas às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas ou sociais, às suas expectativas” (Quivy & Campenhoudt, 2005, p.188).

Os inquéritos foram aplicados aos alunos, encarregados de educação e professores. Tiveram como finalidade saber a importância dada por estes ao manual escolar.

Observação participante

A observação permite ao investigador conhecer os fenómenos tal e qual como eles acontecem, num determinado contexto, ajudando a compreendê-lo (Máximo-Esteves, 2008, p.87).

A observação participante permite ao investigador compreender o meio onde decorre a observação, pois vive as situações e os problemas dos participantes. “A investigação participante é uma técnica de investigação qualitativa, adequada ao investigador que deseja compreender um meio social, que, à partida, lhe é estranho e que lhe vai permitir integrar-se progressivamente” (Lessard-Hébert, et al., 1990, p.155).

Só estando em contato permanente com o meio, no qual decorre a ação, podemos conhecer o contexto e que tipo de atividades podiam ser realizadas.

Calendarização do trabalho de investigação

O plano de ação representa as diferentes ações levadas a cabo durante a investigação. O plano está organizado por meses. Em cada mês são referidas as ações realizadas. O quadro que se segue representa o plano de ação deste trabalho.

Quadro 7

Plano de ação

Meses 2013/2014	Plano
Outubro	<ul style="list-style-type: none">• Escolha do tema da investigação• Formulação das questões/objetivos
Novembro	<ul style="list-style-type: none">• Início da pesquisa bibliográfica• Pedido de autorização aos encarregados de educação dos alunos
Dezembro	<ul style="list-style-type: none">• Aplicação dos inquéritos por questionário• Pesquisa bibliográfica para a concretização das atividades• Análise superficial dos inquéritos dos alunos• Análise do manual escolar
Janeiro	<ul style="list-style-type: none">• Implementação das atividades
Fevereiro/março/abril/maio/junho/julho	<ul style="list-style-type: none">• Elaboração do relatório final

A investigação decorreu entre outubro de 2013 e julho de 2014. Durante o mês de outubro foi delineada a temática, a metodologia e as questões de investigação, tendo em conta um ideia já formada e a observação realizada.

Depois de aceite a proposta realizei, em novembro, uma pesquisa bibliográfica, que me permitiu conhecer os contornos desta temática. Ainda neste mês foi enviado aos encarregados de educação o pedido de participação dos seus educandos nesta investigação.

Durante o mês de dezembro apliquei os inquéritos, a todos os participantes, e fiz uma análise superficial dos mesmos. Esta análise fez-me pensar em atividades que poderia realizar no âmbito do Estudo do Meio. Para tal analisei o manual escolar desta área curricular, de modo a conhecer as propostas de atividades e pensar no que poderia fazer. Assim, em janeiro foram implementadas atividades relacionadas com o Património, com vista a construir um livro/manual dessa temática, uma vez que o manual de Estudo do Meio não fazia referência ao meio local dos alunos.

De fevereiro a julho procedi à redação do relatório, redigindo a revisão da literatura, a análise de dados, as conclusões e a reflexão final.

Apresentação e análise de dados

Tendo em vista a questão problema e as questões orientadoras foram realizadas diversas atividades, que nos permitiram recolher dados e dar resposta a estas questões.

Apresentamos nesta secção as atividades desenvolvidas e a análise dos dados das mesmas. Para cada atividade será apresentada a sua descrição, bem como os seus objetivos, seguindo-se a análise dos dados.

A investigação desenvolveu-se em duas fases. Numa primeira realizamos quatro tarefas. Estas relacionam-se com a aplicação dos inquéritos e a apreciação do manual escolar. Importa referir que os inquéritos, dos professores e encarregados de educação, são anónimos, pelo que será atribuído a cada participante uma letra, de modo a facilitar a leitura dos resultados. Também aos alunos foi atribuído um número de modo a manter a confidencialidade.

Na segunda fase, tendo como base os resultados dos inquéritos, realizamos atividades que conduziram à produção de um manual/livro relativo ao Património de Viana do Castelo. Estas foram realizadas por toda a turma.

Primeira fase

Tarefa 1 - Inquérito por questionário dos alunos

A aplicação deste inquérito (Anexo III) realizou-se na primeira semana do mês de dezembro. Teve como principal objetivo saber qual a importância dada pelos alunos aos manuais escolares. Também foram objetivos conhecer as preferências dos alunos, no que respeita aos manuais escolares, e o modo como o utilizam.

Análise dos dados

Relativamente à primeira questão pretendíamos saber qual o manual preferido dos alunos e o porquê dessa escolha.

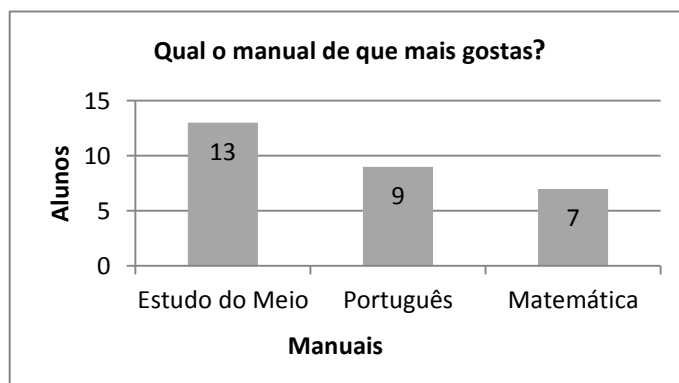


Gráfico 1. Manual preferido

Como se pode observar, gráfico 1, os alunos têm como preferência o manual de Estudo do Meio. No quadro que se segue apresentamos as justificações dadas pelos alunos.

Quadro 8

Justificação da escolha do manual de Estudo do Meio

Número do aluno	Justificação
2	Atividade preferida
4	Gosto de explorar, conhecer outros países, nacionalidades e culturas
8	Gosto de aprender sobre o corpo humano
11	Aprendemos coisas sobre órgãos
15	Gosto de aprender ciências
17	Gosto de semear e lavrar campo (gosta de saber mais sobre o campo, sobre as plantas e os animais)
18	Gosto de aprender sobre o corpo humano
20	Fazemos experiências
23	Aprendemos o corpo humano
26	Aprende história, como o 1º rei de Portugal
27	Aprende-se coisas fixes

28	Aprendemos coisas científicas
29	É divertido

Apesar de parecer que os alunos assumem maior preferência pelo Estudo do Meio Físico, o Meio Social também é uma área que todos os alunos gostam e têm interesse, como veremos mais à frente. Nas justificações dos alunos existem referências genéricas a “*experiências*”, “*coisas fixas*”, que nos podem remeter, igualmente, para as visitas de estudo e museus, que o Estudo do Meio Social promove.

A escolha desta opção, por grande parte da turma, prende-se com o gosto pela área curricular e por ser uma área em que a turma não evidencia grandes dificuldades.

Os alunos, que têm como preferência o manual de Português, na maioria, fundamentaram a sua escolha devido ao gosto pela leitura, como se pode verificar no quadro 9. Face às características da turma, podemos dizer que este grupo de alunos não apresenta grandes dificuldades, quer a nível da leitura, quer de interpretação de textos.

Quadro 9

Justificação da escolha do manual de Português

Número do aluno	Justificação
1	Gosto muito de ler e acho fixe
3	Fácil fazer as coisas
5	Desde o 1º ano que é o manual mais fácil
6	Gosto de ler
7	Gosto de ler, escrever e responder a perguntas de português
10	Gosto de ler
22	Muito divertido
24	Tem histórias bonitas
25	Gosto de ler

No que respeita ao manual de Matemática, os alunos gostam deste, pois permite-lhes “fazer cálculo mental” e porque gostam de “fazer contas e algoritmos”. Estes alunos têm bom aproveitamento a matemática, sendo alguns muito bons no cálculo mental e raciocínio matemático.

Conclui-se que os alunos gostam mais do manual de Estudo do Meio, pois permite-lhes descobrir coisas sobre si mesmos e sobre o que os rodeia.

Na segunda questão quisemos saber como os alunos utilizam o manual. Como possibilidades de respostas foram dadas as seguintes opções: *rever a matéria* (RM), *ler os textos* (LT), e *fazer os exercícios* (FE). Os alunos podiam escolher quantas opções quisessem, aquelas que para eles faziam mais sentido.

Como se pode observar no gráfico abaixo (gráfico 2), a maioria dos alunos escolheu as três opções. Às opções: *rever a matéria e fazer exercícios*, seis alunos; *ler textos e fazer exercícios*, quatro alunos. Apenas sete alunos optaram por uma das opções dadas – *fazer exercícios*, cinco alunos; *rever a matéria*, um aluno; e *ler os textos*, um aluno.

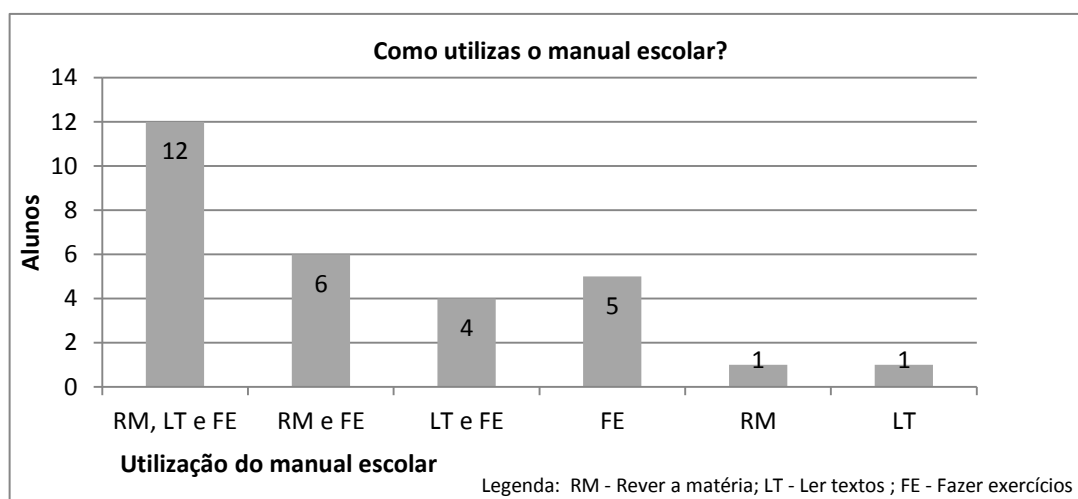


Gráfico 2. Utilização do manual escolar

Pode-se concluir que a maioria dos alunos utiliza o manual com várias finalidades.

Relativamente à terceira questão pretendíamos saber se os alunos têm curiosidade em folhear o manual, para saberem o que vão aprender. Como mostra o gráfico abaixo (gráfico 3), os alunos, na sua maioria, responderam de forma positiva a esta questão.

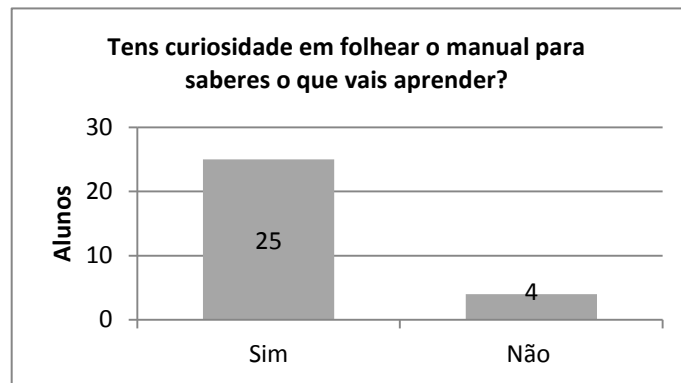


Gráfico 3. Curiosidade em folhear o manual

Como quarta questão foi perguntado aos alunos que importância tem o manual escolar para esclarecer as suas dúvidas. Nesta questão foram dadas as seguintes opções de respostas: *muita importância, alguma importância, pouca importância, e nenhuma importância*. No gráfico que se segue são apresentados os resultados.

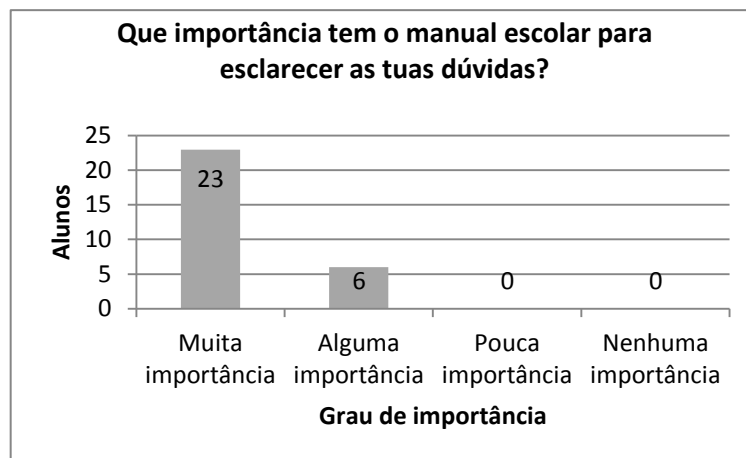


Gráfico 4. Importância do manual para esclarecer as dúvidas

Ao observar o gráfico conclui-se que os alunos dão grande importância ao manual, como uma fonte que lhes permite esclarecer as suas dúvidas. É visto como sendo um meio fidedigno, que lhes auxilia no estudo.

A quinta questão relaciona-se com a utilização do CD- aula digital. Este CD é um material didático, que inclui manual multimédia e jogos. Tal como o caderno de atividades está disponível para os alunos. Contudo não é gratuito, daí que nem todos os

alunos o adquiriram. Como se pode verificar no gráfico abaixo, gráfico 5, apenas sete alunos utilizam este recurso.

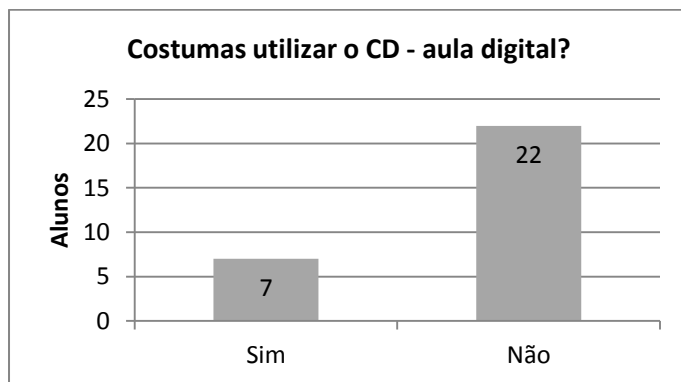


Gráfico 5. Utilização do CD – aula digital

Para finalizar o inquérito, os alunos que respondessem de forma afirmativa à questão anterior, tinham de referir o que mais gostam nesse recurso didático. Os alunos referiram os jogos e as histórias.

Com os resultados obtidos podemos concluir que os alunos dão grande importância ao manual escolar. Este é um recurso que utilizam para esclarecer as suas dúvidas e para saberem o que vão aprender. Utilizam-no para rever a matéria e fazer os exercícios, mas também ler os textos.

Cada aluno foi capaz de justificar a sua escolha, no que respeita ao manual que mais gosta. As justificações vão de encontro àquilo que os alunos mais gostam de fazer e de aprender, recaindo a escolha na área curricular onde não apresentam grandes dificuldades.

Tarefa 2 - Inquérito por questionário dos professores

Esta tarefa foi realizada pelos professores da escola onde decorreu a PES II. Na primeira semana do mês de dezembro entregamos os inquéritos aos professores (Anexo IV), que mediante a sua disponibilidade responderam, de forma anónima, às duas questões colocadas.

O inquérito tinha como objetivos saber o modo como é utilizado o manual escolar pelos professores e perceber a importância deste recurso no processo de ensino-aprendizagem.

Análise dos dados

Primeira questão: Como usa o manual escolar nas suas aulas?

Todos os professores inquiridos referem que utilizam o manual escolar como um recurso, um apoio, um auxiliar, uma orientação educativa:

Professor A: O manual escolar não é mais do que um recurso educativo e como tal serve de apoio na leção, à semelhança de outros instrumentos didáticos.

Professor B: O manual escolar serve-me como auxiliar para trabalhar os conteúdos programáticos.

Professor C: O manual é mais um recurso ao qual podemos recorrer para trabalhar os temas/assuntos definidos para cada ano de escolaridade.

Professor D: Uso o manual escolar como, mais um recurso a utilizar na minha prática pedagógica.

Professor E: Uso o manual escolar como um recurso/orientação.

Professor F: Como material de apoio às aprendizagens efetuadas em sala de aula.

Como podemos observar nas respostas acima transcritas, o manual escolar, segundo alguns professores, permite trabalhar as temáticas e conteúdos propostos para cada ano de escolaridade.

O manual escolar é apenas a base para o trabalho do professor, que necessita de encontrar/pesquisar outros recursos, recorrer a outros materiais e métodos de ensino. O professor não se pode esquecer que tem uma turma e que esta tem as suas particularidades, sendo necessário recorrer a outros meios.

Professor B: ao longo do ano tenho que procurar recursos/material que tenham mais em conta as particularidades dos alunos (dificuldades, motivações, expectativas...) ou mesmo que tenham em conta temas da atualidade que pela sua pertinência seja necessários utilizar.

Uma vez que todos os alunos têm um manual, este assume uma função de orientação no trabalho do aluno, como referem alguns professores:

Professor C: Todos os alunos adquirem um manual de uma certa editora.

Professor D: O manual serve também como orientação para os alunos e para o seu estudo individual.

Professor F: Para o aluno se situar em relação à matéria dada.

Os professores inquiridos mencionam a importância do manual escolar como sendo “uma mais-valia” (**Professor E**) e muitas vezes “único em muitas habitações” (**Professor A**).

É evidente uma ligação entre a escola e a família. Este recurso é utilizado para “trabalho de casa”, mas também “para os encarregados de educação acompanharem o aluno e o trabalho que se está a desenvolver” (**Professor F**).

Um dos professores afirma mesmo que “não é o manual que dita o que trabalhar, este é apenas uma ajuda para complementar o trabalho”. Vai ainda mais longe ao dizer que “não o sigo na íntegra, apenas trabalho os exercícios que penso serem importantes para a evolução académica dos meus alunos” (**Professor C**).

É clara a opinião deste professor no que respeita ao manual escolar. Este é apenas e só um recurso. Todos os inquiridos afirmam utilizar o manual apenas como um recurso, indo de encontro ao previsto em lei (Lei n.º 47/2006), ficando clara a preocupação em atender as particularidades das suas turmas.

Segunda questão: *Acha que o manual escolar é um instrumento importante no processo de ensino- aprendizagem? Porquê?*

Todos os professores inquiridos referem que o manual escolar é um instrumento importante no processo de ensino-aprendizagem.

Um dos professores menciona que “se for bem estruturado sim, mas não chega tem que ser sempre muito bem complementado, tendo em conta os alunos” (**Professor B**).

Todos sem exceção dão importância a este recurso no processo de aprendizagem do aluno, tendo um enfoque no trabalho individual do mesmo, sendo que:

Professor A: Ajuda os alunos no desenvolvimento das suas competências cognitivas.

Professor C: É um recurso ao qual os alunos podem sempre recorrer para apoiarem o seu estudo individual. Este é uma ajuda para situar os alunos nos temas trabalhados.

Professor D: Porque é um recurso ao qual os alunos podem recorrer no seu estudo individual.

Professor E: É muito importante para os alunos no seu trabalho individual (estudo em casa).

Professor F: O aluno tem necessidade de consolidar os conhecimentos e o manual (para a maioria) é o instrumento mais 'à mão' – todos têm.

Face ao exposto é clara a importância dada, pelos professores, ao manual escolar como meio de desenvolvimento da autonomia do aluno. É também referida, tal como já referimos na questão anterior, a importância na ligação escola-família. Contudo nesta questão relacionada com a potencialidade de obter sucesso escolar, por parte do aluno, uma vez que o manual escolar “funciona como veículo de ligação com a família e portanto potência a interação pedagógica que se pretende por ser um factor considerável no sucesso escolar do aluno” (**Professor A**). Também “é uma ajuda para situar os alunos nos temas trabalhados e uma ajuda para os pais acompanharem o ritmo de trabalho e aprendizagem dos seus filhos” (**Professor C**).

Para além de ser importante para os encarregados de educação e alunos, também os professores dão importância a este recurso, porque permite contactar com ideias e exercícios diferentes, que podem ser adaptados ao contexto, permitindo diversificar as atividades:

Professor C: Para o docente o manual é um recurso com novas ideias e exercícios para trabalhar os temas abordados.

Professor D: Utilizado pelo docente para tirar ideias/exercícios.

Professor E: É muito importante na elaboração das atividades a serem realizadas no dia-a-dia.

Podemos concluir, que para estes professores o manual escolar assume um papel importante no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, mas também auxilia o professor na elaboração das suas planificações, das atividades e é visto como uma ajuda para os encarregados de educação.

Tarefa 3 – inquéritos por questionário dos encarregados de educação

Apenas quinze dos vinte e sete inquiridos responderam ao inquérito por questionário.

Neste inquérito por questionário (Anexo V) foi pedido aos encarregados de educação, que de uma forma anónima, respondessem a duas questões relacionadas com a importância atribuída aos manuais escolares no processo de ensino-aprendizagem e no acompanhamento do trabalho escolar do educando.

Análise dos dados

Primeira questão: Considera o manual escolar um instrumento essencial na aprendizagem do seu educando? Porquê?

A esta primeira questão apenas um encarregado de educação não considerou o manual escolar um instrumento essencial na aprendizagem do seu educando. Apresentou a seguinte justificação “Não, porque eles podem aprender sem utilizar o manual” **(Encarregado G)**.

Os que consideraram este instrumento como essencial na aprendizagem argumentaram das mais diversas formas. Alguns justificam de uma forma direta e simples. Atribuem ao manual escolar uma função de suporte das aprendizagens, sendo um auxílio das aprendizagens, levando ao desenvolvimento do trabalho autónomo.

Encarregado E: Porque é um suporte didático o qual ele pode consultar.

Encarregado F: Porque é lá que as crianças aprendem tudo ou quase tudo.

Encarregado J: Dar um grande suporte na aprendizagem em aula e em casa a realizar os trabalhos para casa.

Encarregado K: É um auxílio na aprendizagem das matérias.

Encarregado M: Porque através deste manual facilita a aprendizagem do aluno.

Por outro lado, alguns vão mais longe, ao explicar a importância deste recurso educativo. Assumem que este é um orientador e um reforço da aprendizagem, sendo imprescindível no estudo.

Encarregado H: O manual escolar é um instrumento muito importante na medida em que os orienta para o processo de aprendizagem e de ensino. A sua utilização permite ao aluno o reforço da aprendizagem em aula.

Encarregado L: Pois sem ele não poderiam estudar e folhear as páginas seguintes para saberem o que vão aprender. O meu educando faz isto e eu acho fascinante o interesse que os manuais escolares provocam.

Os restantes apresentam justificações mais específicas, que passamos a apresentar de forma individual.

Para um dos encarregados de educação a mancha gráfica e icónica é essencial, no sentido em que torna os conteúdos mais atrativos, sendo um apoio à compreensão de diferentes matérias. “São uma ferramenta de apoio ao ensino essencial, no sentido de que torna os conteúdos mais atrativos. As ilustrações motivam o aluno e ajuda na compreensão de determinadas matérias” (**Encarregado A**).

Por outro lado há quem veja este recurso educativo como um instrumento “prático, sendo a leitura o melhor método de estudo e compreensão da matéria” (**Encarregado D**), fazendo apelo à leitura como método de estudo e compreensão.

Uma outra justificação, relativa ao reconhecimento do manual escolar como essencial na aprendizagem do educando, prende-se com os métodos de ensino, referindo que “seguem os mesmos métodos de ensino todos por igual” (**Encarregado N**). Um outro justifica dizendo que “é um instrumento essencial na aprendizagem, tendo em conta que tem todos os conteúdos programáticos que os alunos estão a estudar, permitindo-lhes consultar e exercitar as matérias dadas” (**Encarregado O**). Para estes o manual é único e imprescindível, uma vez que contém tudo aquilo que é necessário aprender.

O encarregado de educação designado de **Encarregado I** atribui, ao manual escolar, uma importância facilitadora no processo de ensino-aprendizagem, não dispensando o seu uso porque “sem o manual escolar para as crianças ia ser mais difícil o ensino”. Atribui muita importância ao 1.º ciclo, uma vez que, na sua perspetiva “a primária (1º ciclo) é a base do ensino”.

A argumentação que se segue defende o trabalho individual e a consciência de que nem todos os manuais são rigorosos, pois “é nele que os alunos fazem os seus trabalhos individualmente e é neles que está bem explicado (em alguns) a matéria” (**Encarregado B**).

Por fim o encarregado de educação designado **Encarregado C** apresenta uma justificação diferente das anteriores. Começa por justificar que para “além do conteúdo que é fundamental para a aprendizagem dos alunos o contacto com o manual na forma física, o papel, o livro é algo que os manuais na forma digital ainda não ultrapassaram”. É notória a valorização do manual enquanto livro, a defesa do suporte físico, do manusear, afastando as tecnologias. Contudo afirma que “no futuro talvez, diria que será inevitável”, uma vez que a nossa sociedade é uma sociedade cada vez mais tecnológica.

Segunda questão: *Qual a importância do manual escolar no acompanhamento do trabalho escolar do seu educando?*

Na resposta a esta questão só sete dos inquiridos deram o seu parecer relativo à importância do manual escolar no acompanhamento do trabalho escolar do seu educando. Os restantes responderam do ponto de vista do educando, indo um pouco de encontro à questão anterior.

Começamos por analisar as sete respostas, que foram de encontro ao pretendido com esta segunda questão. Podemos dizer que houve um consenso nas respostas, pois todos referem que o manual escolar é um apoio no acompanhamento do trabalho do educando, permitindo retirar dúvidas e perceber melhor os conteúdos. Apresentamos as respostas dadas, que vão de encontro ao que foi referido anteriormente:

Encarregado A: Os manuais escolares permitem-me enquanto encarregado de educação ter uma perceção mais clara dos conteúdos programáticos abordados no ano letivo.

Encarregado E: Acho importante, pois podemos tirar dúvidas, caso existam, para melhor acompanhar as dificuldades dos nossos educandos.

Encarregado M: Os pais através do manual escolar podem ajudar na aprendizagem do aluno e fazer um acompanhamento do desenvolvimento deste aluno.

Encarregado O: Permite-me ajudá-lo nos seus trabalhos dando toda a informação necessária.

Também é perceptível a preocupação com as constantes mudanças dos programas curriculares e dos métodos e estratégias de ensino, que são diferentes daqueles que aprenderam e conhecem. Assim, o manual escolar assume um papel fundamental de

auxílio. Esta preocupação demonstra a consciência da existência de mudanças e a tentativa de acompanhá-las, recorrendo ao manual escolar como sendo um suporte no qual vê e aprende para melhor auxiliar o seu educando.

Encarregado N: Mesmo para nós pais ajuda-nos a lembrar coisas que já esquecemos para podermos auxiliar os nossos filhos.

Encarregado H: Enquanto encarregado de educação, o manual escolar serve-me de apoio no acompanhamento do trabalho escolar realizado em casa. Nomeadamente, nos dias de hoje em que são constantemente alterados os métodos de ensino, bem como os programas. Torna-se, por isso, uma importante ferramenta para alcançar o principal objetivo: o sucesso escolar do meu educando.

Encarregado I: O manual escolar é importante porque hoje em dia o que nos ensinaram a nós pais e encarregados de educação não tem nada a ver com o que ensinam aos nossos filhos, para eles é mais fácil e para nós ajuda-nos a ensinar melhor o que eles estão a aprender.

De seguida apresentamos as respostas dos restantes oito encarregados de educação, que deram respostas mais relacionadas como o ponto de vista do aluno. Estes recordam a experiência com alunos que, nesse sentido, se colocam agora na pele do seu educando.

Alguns encarregados de educação veem o manual escolar com um recurso que ajuda os educandos a tirar as dúvidas e auxilia as aprendizagens. Fazem referência à ligação entre a escola e os trabalhos de casa. Apela ao trabalho autónomo do aluno, uma vez que podem em casa, através do manual escolar, realizar pesquisas e retirar as dúvidas existentes.

Encarregado D: O manual é importante para o aluno perceber e poder analisar com as mãos e o olhar cada página com atenção necessária. Também é importante porque pode tirar as dúvidas em casa e na escola.

Encarregado F: Em casa poder pesquisar a matéria que tem vindo a aprender.

Encarregado J: Qualquer dúvida que o educando tiver pode consultar o manual para esclarecer.

Encarregado K: Auxilia a aprender e a relembrar as matérias dadas em sala de aula.

Encarregado L: Acho muito importante pois o manual pode ajudar no estudo em casa e na compreensão enquanto a professora explica.

Um encarregado de educação reforça o fator imprescindível do manual escolar, ao defender que o manual “é de importância vital sem ferramentas ninguém trabalha” (**Encarregado C**), pois dá a entender que sem este o aluno não pode trabalhar, ou seja, estudar, aprender.

Um encarregado de educação, designado **Encarregado B**, refere a importância da organização do manual, “o manual está organizado de acordo com a matéria a ser dada ao longo do ano”. Por isso “o aluno pode usar o manual seguido sem precisar de andar a saltar páginas ou a voltar atrás”. Também lhe atribui a função de “rever a matéria dada para melhor poderem estudar para os testes”. Este encarregado de educação vê o manual como algo que tem de ser seguido à risca. Contudo, não revela ter consciência de que o manual é um auxiliar, um apoio às aprendizagens. Cabe ao professor organizar as suas aulas de acordo com as características da turma e não de acordo com a estrutura do manual escolar.

Tarefa 4 – Apreciação de um Manual de Estudo do Meio

O manual adotado na escola onde decorreu a PES II intitula-se *A Grande Aventura - Estudo do Meio 3º ano*, cuja editora é *Texto Editores*. No ano em que o manual foi adotado, ano letivo 2012-2013, o critério de apreciação, para manuais certificados, era referente à adequação do manual ao Projeto Educativo de Escola. Podemos dizer que é um manual adequado ao público-alvo, ao meio envolvente e a diversidade social e cultural da comunidade escolar.

Contudo, achamos que seria relevante apreciar este manual tendo em conta as grelhas atuais. Assim sendo utilizamos a grelha de apreciação cujos critérios se aplicam a manuais escolares avaliados e certificados, uma vez que o manual é certificado. A nossa avaliação recai sobre o Estudo do Meio Social, área em que se insere o presente relatório.

Após o preenchimento da grelha (Anexo VI) avaliamos este manual como sendo *Bom*. De seguida, apresentamos a justificação da nossa avaliação tendo em conta os critérios definidos na grelha de apreciação.

Análise do manual

Relativamente à *Organização e Método*, este manual está organizado em dez unidades, que são designadas por *Aventuras*. Apresenta uma organização coerente e funcional, isto porque antes de abordar o tema apresenta um conjunto de imagens que

motivam os alunos para a temática, mas também permite o levantamento de ideias prévias. Desafia o aluno a realizar pequenas tarefas, através do tópico “*FAÇO EM CASA*”. Algumas das tarefas envolvem a família, outras o recurso às novas tecnologias e outros recursos, sendo que potencia o trabalho autónomo do aluno. Através do tópico “*GOSTO DE SABER*” apresenta curiosidades, que ampliam o conhecimento e a vontade de aprender do aluno.

No final de cada “*AVENTURA*” é apresentado um esquema de conceitos, “*RESUMINDO*”, que resume os conteúdos abordados, assim como uma avaliação dos conhecimentos, “*RECAPITULANDO*”, que permite avaliar os conhecimentos aprendidos na unidade.

O facto de agrupar os vários conteúdos, que se relacionam entre si, numa mesma “*AVENTURA*” permite uma melhor aprendizagem e relação entre conceitos. Esta organização e metodologia contribuem para o trabalho autónomo dos alunos.

De um modo geral, a metodologia apresentada, pelo manual escolar, facilita a aprendizagem, uma vez que apresenta uma grande variedade de exercícios (preencher espaços, exercícios de correspondência, escolha múltipla, pesquisas,...). O espaço para responder às questões, que exigem uma resposta mais desenvolvida, é insuficiente, todavia podem ser respondidas no caderno diário.

Existem questões que potenciam o desenvolvimento da autonomia e o trabalho de grupo. Estas propostas despertam no aluno o sentido crítico, permitindo-lhe relacionar-se com os outros, partilhar ideias e aceitar as dos outros.

No geral, os exercícios apresentados solicitam o uso de outras fontes de conhecimento ou outros materiais didáticos, como por exemplo, mapas, computador, recorrer à família.

Este manual apresenta rigor linguístico, científico e conceptual. No que respeita à qualidade científica e didático-pedagógica a informação é adequada, fazendo uso de uma linguagem apropriada ao nível de ensino.

Debruçamo-nos agora sobre os critérios relativos à *Informação e Comunicação*. Após a análise, dos temas propostos, e posterior confronto com o programa, do 1.º ciclo do ensino básico de Estudo do Meio, constatamos que todas as atividades e conteúdos

propostos vão ao encontro dos objetivos estipulados pelo programa em questão. A informação contida, do nosso ponto de vista, está atualizada e é correta.

As imagens constituem um fator de motivação e aprendizagem para os alunos. De um modo geral a distância entre o texto e imagens é adequada, ou seja, tudo está corretamente organizado e cada rubrica ocupa o seu lugar próprio. As imagens e o texto são claros e rigorosos, complementando-se.

É um manual que não induz à discriminação de carácter cultural, étnico, racial, religioso e sexual. O princípio da igualdade de género é respeitado.

No geral, é um bom manual. Apesar de no 1.º ciclo o manual não ser de reutilização obrigatória, na nossa opinião a sua reutilização é viável, isto porque o manual é complementado com um livro de exercícios, *Material de registo*, que se destina ao registo de alguns exercícios do manual principal. Apresenta robustez suficiente para resistir à normal utilização. O peso e as dimensões estão de acordo com o estipulado na Lei.

Relativamente à temática *O passado do meio local*, na qual se insere o *Património Histórico local*, o manual escolar apresenta fotografias de vários locais, figuras históricas, vestígios do passado, costumes e tradições. Faz referência ao *Património* de várias zonas do país, contribuindo assim para o enriquecimento cultural dos alunos. Apela ao trabalho de grupo e de pesquisa individual, para que os alunos possam conhecer o *Património* da sua localidade. Porém, não faz qualquer referência ao património de Viana do Castelo.

Segunda fase

Durante o mês de janeiro foram desenvolvidas várias atividades que conduziram à construção de um manual/livro.

Na área de Estudo do Meio, durante esse mês, a temática estipulada estava relacionada com o conhecimento do Património local. Surgiu assim a ideia de construir um manual/livro relacionado com o Património de Viana do Castelo.

Tendo como eleição esta área central, as atividades que a seguir apresentamos envolvem diferentes áreas curriculares do 1.º ciclo, havendo assim interdisciplinaridade.

A ordem pela qual foram realizadas foi previamente planificada, isto para que o trabalho em sala de aula seguisse uma sequência, que permitisse no final obter um manual. No quadro 10 podemos ver as atividades desenvolvidas e as respetivas áreas curriculares, assim como a data da sua realização.

Quadro 10

Atividades desenvolvidas por áreas curriculares

Área curricular	Nome da atividade	Data de realização
Português	Lenda de Viana	13 de janeiro
	Texto coletivo	14 de janeiro
	Apresentação do manual/livro relativo ao Património histórico local	29 de janeiro
Estudo do Meio	Lenda de Viana	13 de janeiro
	O Património de Viana do Castelo	13 e 20 de janeiro
Expressão plástica	Construção do manual/livro relativo ao Património histórico local	14 a 29 de janeiro

Relativamente à área de Matemática não houve interdisciplinaridade, devido aos conteúdos que estavam a ser abordados. No que respeita às Expressões, para além da plástica, foram de modo improvisado abordadas a Dança (Expressão físico-motora) e a expressão Musical. Mas destas falaremos no decorrer da apresentação da análise da atividade dois.

Atividade 1- Lenda de Viana

A atividade *Lenda de Viana* foi o ponto de partida para a abordagem à temática do Património histórico local. Esta é uma lenda da autoria de *António Manuel Couto Viana*, que é um escritor vianense.

Antes de entregar a cada aluno um exemplar da lenda foi realizada uma conversa exploratória de pré-leitura. Os alunos foram questionados sobre “O que é uma lenda?”. De seguida realizou-se a leitura, que primeiramente foi efetuada pela professora

estagiária. Depois foram nomeados alunos para realizarem a leitura em voz alta, para que todos pudessem ouvir.

No final da leitura foram colocadas as seguintes questões de interpretação:

- Como se chamava a povoação?
- Qual a vocação da povoação?
- Como se chama a personagem principal?
- O que fazia a Ana?
- Quem ouvia as cantigas de amor e amigo?
- Como era o barco? O que transportava?
- Que sentimento tinha o rapaz por Ana?
- Com que se deparavam os pescadores quando vinha da faina?
- Quem concedeu o foral?
- Que nome deu a Átrio?
- O que é um foral?

Por fim, os alunos registam no caderno o que é um foral.

Esta atividade estabelece conexões entre duas áreas curriculares. Relativamente ao Português foram traçados objetivos no âmbito do domínio da leitura e escrita: ler um texto com articulação e entoação corretas; compreender o essencial do texto escutado e lido. No que respeita ao Estudo do Meio o conteúdo relaciona-se com o passado do meio local, logo o objetivo desta atividade é levar o aluno a conhecer factos e datas importantes para a história local.

Análise da atividade

Esta atividade foi um bom ponto de partida para a abordagem ao Património histórico local. A *Lenda de Viana*, através da combinação de factos históricos e reais com a fantasia, levou os alunos a conhecerem características da localidade, tais como: a elevação da vila e município de Viana, através da atribuição de um *foral*.

Os alunos responderam com correção às questões de interpretação.

Relativamente ao significado de lenda os alunos disseram o seguinte:

Alunos: São histórias.

Tem coisas verdadeiras e outras são falsas.

Todavia quando questionados sobre o significado de foral tiveram dificuldades em responder. Disseram:

Alunos: O Rei atribuiu foral a Átrio e passou a chamar-se Viana.

Professora estagiária: Então o que será o foral?

Como não obteve uma resposta a professora estagiária explicou aos alunos que o *foral* é um documento que estabelecia deveres e privilégios aos habitantes de uma determinada povoação. Este é atribuído por um Rei ou Senhor Donatário. Segundo Serrão (1985) “diz-se foral ou carta de foral o diploma concedido pelo rei, ou por um senhorio laico ou eclesiástico, a determinada terra, contendo normas que disciplinam as relações dos seus povoadores ou habitantes entre si e destes com a entidade outorgante” (p. 55).

Professora estagiária: Já sabem que foi D. Afonso III, em 1258, que concedeu foral a Átrio passando a chamar-se Viana. Este foral elevou Viana a vila. Só mais tarde, em 1848, D. Maria II, através de uma carta régia, elevou a vila a cidade, passando a chamar-se Viana do Castelo.

Após esta explicação os alunos registaram no caderno o significado de *foral*. Registaram ainda o nome do Rei e o ano em que foi concedido *foral* a Viana, bem como o nome da Rainha e o ano em que através de uma *carta régia* eleva a vila a cidade.

Os objetivos foram alcançados. A nível da leitura os alunos, que apresentavam dificuldades, demonstraram evolução, sendo capazes de ler mais fluentemente e de forma audível. Demonstraram consolidação dos conhecimentos, uma vez que todos foram capazes de fazer um pequeno esquema referente à atribuição de *foral*, como mostra a figura 1.

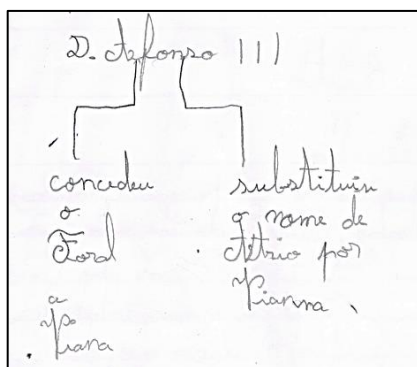


Figura 1. Esquema relativo à atribuição de *foral*

Leitura do esquema representado pela figura 1. D, Afonso II concedeu o foral a Viana. O mesmo rei substituiu o nome de Átrio por Vianna.

Atividade 2 – O Património de Viana do Castelo

A atividade intitulada *o Património de Viana do Castelo* foi dividida em duas sessões que decorreram nos dias 13 e 20 de janeiro.

Nestas sessões os alunos partiram à descoberta do Património da Cidade de Viana do Castelo, tanto do ponto de vista da Herança Cultural e Histórica, como da Etnografia, fazendo uso da pedagogia da descoberta defendida por Maria do Céu do Roldão (Roldão, 1995).

Para dar a conhecer o Património histórico local recorreremos a duas apresentações em PowerPoint. Na primeira sessão, os alunos partiram à descoberta do Património construído (edifícios e monumentos) e do Património arqueológico (vestígios do passado), começando por perguntar aos alunos “O que é o Património histórico local?”. Na segunda sessão descobriram o Património etnográfico (danças e cantares, festas tradicionais, gastronomia, artesanato). O quadro 11 mostra uma listagem do Património abordado.

A construção deste quadro obedeceu à terminologia atualmente utilizada por patrimoniólogos e profissionais de educação patrimonial, tendo como base a Lei de Bases do Património Cultural (lei n.º 107/2001).

Quadro 11

Listagem do Património cultural abordado com o grupo

Património construído	<ul style="list-style-type: none">• Castelo Santiago da Barra• Igreja Matriz• Templo do Sagrado Coração de Jesus• Antigos Passos do Concelho• Chafariz• Tríptico Monumental• Palácio Abreu Távora – Condes de Carreira
------------------------------	--

	<ul style="list-style-type: none"> • Estátua de Viana • Monumento a Viana do Castelo – Mulher Vianesa • Ponte Eiffel • Museu Municipal de Arte e Arqueologia • Museu do Traje • Casa dos Nichos • Teatro Sá de Miranda • Estação de caminho-de-ferro • Elevador de santa Luzia • Biblioteca Municipal • Centro Cultural – Coliseu • Navio Gil Eannes 	
Património arqueológico	<ul style="list-style-type: none"> • Citânia 	
Património etnográfico	Festas e romarias	<ul style="list-style-type: none"> • Romaria da Senhora d’Agonia
	Artesanato	<ul style="list-style-type: none"> • Bordado regional • Louça regional • Peças de ourivesaria – Filigrana
	Danças e cantares	<ul style="list-style-type: none"> • Folclore
	Gastronomia	<ul style="list-style-type: none"> • Pão • Sopa • Pratos de carne • Pratos de peixe • Doçaria regional
	Trajes regionais	<ul style="list-style-type: none"> • Traje de trabalho • Traje de lavradeira • Traje de mordoma • Traje de noiva • Traje de domingo

Era apresentada uma imagem referente a monumentos, edifícios e estátuas, gastronomia, tradições, figuras ilustres, e os alunos teriam de os identificar dizendo o nome pelo qual conheciam. Após a identificação era revelado aos alunos o nome, bem como alguma informação complementar.

Os objetivos desta atividade vão de encontro ao estipulado pelo programa de Estudo do Meio, e são: conhecer vestígios do passado local; identificar figuras da história local.

Com esta atividade pretendíamos que os alunos conseguissem identificar algum do Património do meio local, assim como identificar algumas figuras da história local.

Como na primeira sessão não tivemos tempo de apresentar as figuras ilustres, pensamos em fazê-lo no dia da apresentação do manual relativo ao Património histórico de Viana do Castelo, atividade que desenvolveremos mais à frente.

Análise da atividade

Durante a realização desta atividade pudemos perceber que os alunos eram detentores de um bom conhecimento do Património histórico local. Foi com facilidade que o identificaram.

A primeira sessão começou com a pergunta “O que é o Património histórico local?”. Os alunos rapidamente disseram que “é a história de um local”, “são os monumentos” e começaram a dar alguns exemplos “Praça da República”, “Santa Luzia”. Com estas respostas os alunos demonstraram ter algum conhecimento do Património local, bem como alguma noção do significado do mesmo.

De seguida, começou a apresentação das imagens. A primeira a surgir foi a *Citânia*. Os alunos, através da imagem, não identificaram este vestígio do passado. Todavia, quando lhes foi dito que era a *Citânia de Santa Luzia* acabaram por reconhecer, pois já tinham ouvido falar, mas não tinham visto fotografias, nem conheciam como era. Isto é um sinal de que os alunos possuem alguma consciência patrimonial.

Nos três monumentos que se seguiram – *Castelo Santiago da Barra, Igreja Matriz, Templo do Sagrado Coração de Jesus*- cada um apresentado individualmente, os alunos reconheceram-nos imediatamente. Estes revelaram a sua localização e alguns marcos das suas vivências pessoais, vivências dos familiares e consciência do passado histórico do local. A proximidade e a vivência quotidiana são elementos que ajudam a perceber esta fácil identificação.

Quanto ao *Castelo Santiago da Barra* referiram que se localizava junto ao Rio Lima e que era um castelo, castelo este que era referido na *Lenda de Viana*. Por outro lado revelaram que a *Igreja Matriz* é a “Sé de Viana”, sendo também o local onde alguns têm catequese. No que respeita ao *Templo do Sagrado Coração de Jesus* os alunos identificaram-no como sendo “Santa Luzia”, nome pelo qual é conhecido. Houve quem referisse que foi neste local que os pais se casaram e que um familiar trabalhava lá perto (Pousada de Santa Luzia), demonstrando empatia patrimonial.

No que se refere os *Antigos Paços do Concelho* e ao *Chafariz* os alunos evidenciaram a consciência do passado histórico do local. Relativamente aos *Antigos Paços do Concelho* referiram que no rés-do-chão, deste edifício, antigamente não existiam portas. Hoje em dia existem, sendo o local onde se realizam exposições. Também localizaram este edifício como estando situado na *Praça da República*.

Por outro lado, após identificarem o *Chafariz* e depois de lhes ser dito que este foi, durante vários séculos, um local de abastecimento de água potável, os alunos referiram que hoje em dia a água não pode ser consumida, uma vez que está toda suja. Esta sujidade deve-se ao facto de no local existirem pombos. Podemos dizer que os alunos são detentores de cidadania patrimonial.



Fonte: Câmara Municipal de Viana do Castelo

Figura 2. Tríptico Monumental de Viana do Castelo

Com a apresentação do *Tríptico Monumental de Viana do Castelo* (Figura 2) constatamos que os alunos reconheceram, sem qualquer dificuldade, os monumentos que já tinham sido abordados anteriormente. Para além de dois monumentos já abordados (*Antigos Paços do Concelhos* e *Chafariz*) aparece na imagem um outro

monumento ilustre da cidade de Viana do Castelo. Quando questionados “Alguém sabe o nome deste monumento?” (a professora estagiária aponta para o monumento em questão) os alunos apenas se referiram à Igreja da Misericórdia, contudo na imagem podemos ver a Casa da Misericórdia, que antigamente funcionava como hospital. Apesar de terem identificado apenas a igreja, os alunos perguntaram o que era o edifício que estava ao lado. Deste modo foi-lhes explicado que se chama *Santa Casa da Misericórdia* onde funcionou o antigo hospital da cidade.

De seguida foi apresentada uma imagem do *Palácio dos Abreu Távora – Condes de Carreira*. Os alunos reconheceram este edifício como sendo o local onde funciona a Câmara Municipal da cidade de Viana do Castelo.

Por outro lado, quando viram a imagem da *Estátua de Viana* os alunos manifestaram ter consciência patrimonial, pois identificaram-na como sendo uma estátua, que se localizava no “jardim próximo da *Marina*”. Contudo não a identificavam como sendo a *Estátua de Viana*.

Relativamente ao *Monumento a Viana do Castelo – Mulher Vianesa* os alunos identificaram-no como sendo uma estátua de uma mulher. Foi-lhes perguntado “O que é que ela tem na mão?” Eles responderam “um barco, uma caravela”. Foi-lhes então explicado que este monumento representa a *Mulher Vianesa* e que esta segura numa mão uma flor e na outra uma Caravela. É um monumento que saúda os visitantes que chegam à cidade via mar. Os alunos curiosos perguntaram onde é que se localizava este monumento. A professora estagiária disse-lhes que ficava junto ao *Castelo Santiago da Barra*.

A imagem que se seguiu era referente à *Ponte Eiffel*. Os alunos demonstraram ser conhecedores desta construção. Referiram que neste local passam carros, comboios e pessoas a pé, e que tem o nome do seu construtor.

Quando viram a imagem do *Museu Municipal de Arte e Arqueologia* os alunos não o identificaram. Contudo sabiam da sua existência. Relativamente as imagens que se seguiram – *Museu do Traje, Casa dos Nichos, Teatro Sá de Miranda, Estação do caminho-de-ferro, Elevador de Santa Luzia* - os alunos demonstraram ter consciência patrimonial, uma vez que as identificaram de imediato.

Os alunos revelaram empatia e conhecimento no que se refere ao reconhecimento da *Biblioteca Municipal* e do *Centro Cultural – Coliseu*. Relativamente à *Biblioteca* sabiam que esta é uma obra do arquiteto *Siza Vieira*. Por outro lado sabiam que no *Centro Cultural* se realizavam diversas atividades, como espetáculos e jogos, mas não sabiam o nome deste edifício.

Para finalizar esta primeira sessão os alunos reconheceram o *Navio Gil Eannes* como sendo um navio hospital. Foi dito aos alunos que falaríamos das figuras ilustres noutra momento, pois já não havia tempo para tal. Apesar disso foi-lhes dito que o autor da *Lenda de Viana*, António Manuel Couto Viana, era uma das figuras ilustre de Viana do Castelo. Isto porque foi uma pessoa importante para a história desta localidade, sendo um escritor e ator notável.

A segunda sessão ocorreu no dia 20 de janeiro. Nesta foi abordado o Património etnográfico. A sessão começou com duas questões “O que são os costumes? E as tradições?”. Os alunos responderam de forma consensual “são coisas antigas”. A estagiária referiu que é a transmissão de bens culturais de geração em geração, são os hábitos do passado de uma determinada sociedade.

Passamos, de seguida, para o tópico das *Festas e romarias*. Assim que apareceu *Festas e romarias* na projeção, os alunos referiram logo a “Romaria da Senhora d’Agonia”, “realiza-se em agosto”. Isto demonstra que os alunos são conhecedores de um costume e tradição muito importante para a cidade de Viana do castelo. Detêm assim consciência patrimonial, referente à etnografia.

Depois abordamos o artesanato. Os alunos referiram que a palavra artesanato vem da palavra arte. Foi-lhes então explicado que o artesanato refere-se a peças ou produtos que são fabricados de forma manual. Este trabalho é realizado pelos artesãos. Pode-se dizer que é uma forma de arte. Neste tópico apresentamos imagens dos bordados, louça, trabalhos em vime e peças de ourivesaria.

Os alunos identificaram as várias imagens. Nos trabalhos em vime desconheciam o que era. A professora estagiária explicou que se utiliza o vime (espécie de fitas extraídas do Vimeiro) para se fazer cestaria. No que respeita às peças de ourivesaria identificaram o “coração de Viana” e os “brincos de Rainha”. Um dos alunos questionou o que era a

filigrana. A professora estagiária perguntou aos restantes se sabiam o que era. Explicou que a filigrana são fios de ouro ou prata, que entrelaçados formam peças de ourivesaria.



Fonte: Câmara Municipal de Viana do Castelo

Figura 3. Apresentação do artesanato

Seguiram-se as *danças e cantares*. Os alunos referiram de imediato são “grupos folclóricos”. Duas alunas, que pertencem a grupos folclóricos da região, dançaram um pouco do “*Vira*”, dança típica do Minho. Os restantes, utilizando a voz, produziram o ritmo. A professora cooperante pediu aos alunos para cantarem uma música que eles conheciam sobre Viana, música essa que tinha sido trabalhada no ano letivo anterior (2012/2013) no âmbito de um projeto escolar. Os alunos disseram que era “*a música de Viana*”:

Professora estagiária: Quem é que canta essa música?

Alunos: Amália.

Professora estagiária: Que tipo de música é?

Alunos: É um fado.

Os alunos, em uníssono, interpretaram a sua versão do fado *Havemos de ir a Viana*, fado que é conhecido por ser cantado por *Amália*, cuja letra é de *Pedro Homem de Mello*. Eis a letra:

*Se o meu sangue não me engana
Como engana a fantasia
Havemos de ir a Viana
À escola da _____
À escola da _____
Havemos de ir a Viana
Se o meu sangue não me engana
Havemos de ir a Viana.*

Para além da versão criada por eles, também cantaram a versão original. Esta partilha de saberes e conhecimentos é enriquecedora, permitindo que os alunos deem a conhecer as suas vivências. Também demonstra que adquiriram os conhecimentos transmitidos anteriormente, e que os aplicam em outras situações.

Depois desta partilha de saberes e conhecimentos passamos à gastronomia. Quando questionados sobre o significado de gastronomia, os alunos responderam “ é a comida”. Realmente a gastronomia diz respeito à comida, aos pratos típicos de uma determinada localidade. Os alunos referiam alguns dos pratos típicos de Viana do Castelo como podemos ver no quadro que se segue:

Quadro 12

Listagem de pratos típicos de Viana do Castelo referidos pelos alunos

Tipo de prato	Nome
Prato de peixe	<ul style="list-style-type: none">• Bacalhau
Prato de carne	<ul style="list-style-type: none">• Cozido à portuguesa• Arroz de sarrabulho• Arroz de cabidela
Doçaria	<ul style="list-style-type: none">• Arroz doce• Bola de berlim

Como podemos observar os alunos são conhecedores da gastronomia local. Todavia a bola de Berlim não é um elemento da doçaria típica de Viana do Castelo, mas é muito afamada devido à *Pastelaria Zé Natário*, que todos os alunos conhecem.

Através das imagens os alunos reconheceram *a broa de milho* e o *caldo verde*. Identificaram ainda as *meias-luas*, os *sidónios*, a *torta de Viana*, os *manjericos*, os *biscoitos de Viana* e as *Santas Luzias*, que são os doces típicos da região.

Relativamente aos trajes regionais os alunos disseram que são as “roupas que se utilizavam antigamente”. Hoje em dia são “utilizados pelos ranchos folclóricos”. Sabiam da existência de trajes diferentes, cada um deles com o seu significado. Uns ligados ao trabalho no campo, outros a dias de festa, outros até para vestir ao domingo.

Podemos dizer que, de modo geral, todos os alunos conhecem Património etnográfico da cidade de Viana do Castelo.

Atividade 3 – Texto coletivo

No seguimento da atividade um os alunos foram informados que iriam, em grande grupo, escrever um texto sobre Viana do Castelo. Primeiro teriam de o planificar para depois o escreverem.

Na primeira fase, que se designa de planificação, os alunos registaram as suas ideias. Um de cada vez referiu as ideias que tinha sobre a cidade e a professora estagiária registou no quadro. Os restantes iam registando na folha fornecida no início da atividade.

Finalizada a fase de planificação passamos para a fase da textualização. Nesta fase procedeu-se à redação do texto, organizando as ideias em frases e parágrafos. O texto tinha a seguinte estrutura:

- Introdução - onde se refere a origem, nome e localização da cidade.
- Desenvolvimento – caracterização da cidade; referência ao local considerado “sala de vistas”; Património; ...
- Conclusão – por que devemos visitar Viana.

Passou-se depois à textualização. À medida que as ideias se transformavam em frases, a professora estagiária escrevia no quadro e os alunos passavam para o caderno.

No final, um aluno leu o texto.

Para esta atividade os objetivos relacionam-se com a área curricular de Português, domínio da leitura e escrita, e são os seguintes:

- Planificar a escrita de textos:
 - Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as.
- Escrever textos narrativos:
 - Escrever pequenas narrativas.

Análise da atividade

A produção do texto coletivo decorreu com normalidade. Os alunos partilharam e aceitaram as diferentes ideias propostas pelos colegas.

De seguida, apresentamos as ideias que os alunos registaram na grelha de planificação do texto. Relativamente aos tópicos da introdução os alunos aplicaram os conhecimentos adquiridos nas atividades anteriores, mas também demonstraram conhecer a localização da cidade. Registaram o seguinte:

<p>Introdução:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Origem da cidade • Nome da cidade • Localização 	<p><i>Atois; D. Afonso III; Foral - Atois para a chamar - se Viana; D. Maria II - Rainha para a dar cidade - Viana do Castelo. Portugal (Norte); pertence ao distrito de Viana do Castelo</i></p>
---	---

Figura 4. Ideias relativas à introdução

No que respeita ao desenvolvimento foram várias as características que atribuíram à cidade de Viana do castelo. Mais uma vez aplicaram os conhecimentos adquiridos, demonstrando consciência patrimonial.

<p>Desenvolvimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Características da cidade • O que tem de melhor • Local que é considerado "sala de visitas" • ... 	<p><i>Ronita; litoral; tem monte; tem praias; rio Lima; cidade limpa; iluminada; Elevador de Santa Luzia (funicular); estático - chegada da república; sala de visitas; templo do sagrado coração de Jesus; de Viana; novo hospital; Castelo Santiago da Roca; belas paisagens; dispõe um porto de pesca e de um porto de recreio; junto a um belo jardim.</i></p>
---	--

Figura 5. Ideias relativas ao desenvolvimento

Ao analisarmos a figura 5 podemos dizer que os alunos caracterizaram a cidade de Viana do Castelo como sendo *bonita, limpa e luminosa, possuindo monte, praias, belas paisagens e o rio Lima*. Tem um *porto de pesca e um porto de recreio*, que se localiza *junto de um belo jardim*. Fizeram ainda referência ao seguinte Património: *Elevador de Santa Luzia (funicular); Tríptico – Praça da República (“sala de visitas”); Templo do Sagrado Coração de Jesus; Sé de Viana; Gil Eannes – Navio Hospital; Castelo Santiago da Barra*. Este é o Património mais relevante, na opinião dos alunos.

Por fim, na conclusão, foi referido o motivo pelo qual se deve visitar Viana do Castelo.

<p>Conclusão:</p> <ul style="list-style-type: none">• Por que devemos visitar viana	<p><i>Pessoas acolhedoras; simpáticas onde se pode desfrutar de belas paisagens, boa gastronomia e um riquíssimo património.</i></p>
--	--

Figura 6. Ideias relativas à conclusão

As ideias relativas à conclusão do texto revelam que os alunos conhecem o espírito acolhedor e a simpática característica da população de Viana. Fazem também referência àquilo que Viana tem de melhor, que são as paisagens, a gastronomia e o Património.

Após esta recolha de ideias partimos para a redação do texto, passando as ideias para frases e parágrafos. Na figura 7 podemos ver o texto final.

A cidade de Viana

Há muitos, muitos anos atrás D. Afonso III concedeu o Foral à povoação de Sobria, passando a chamar-se Viana. D. Maria II, em 1848, através de uma carta régia elevou a vila a cidade, passando a chamar-se Viana do Castelo.

A cidade de Viana do Castelo localiza-se no norte de Portugal, pertencendo ao distrito com o mesmo nome.

Situada na encosta do monte de Santa Luzia é uma cidade bonita, luminosa, saudável com belas paisagens. O rio Lima é o rio que passa nesta cidade, que tem no mar uma das suas maiores atrações.

Dispõe de um porto de pesca (Doca) e de um porto de recreio (Marina), junto a um belo jardim.

A Praça da República é um local emblemático. Nesta encontramos o tríptico monumental de Viana do Castelo uma espécie de "sala de visitas". Este tríptico é constituído pelos antigos Paços do Concelho, Chafariz e Casa da Misericórdia.

O Templo do Sagrado Coração de Jesus, a Sé de Viana, o mosteiro de S. Marcos, o Castelo Santiago da Barra, e o funicular de Santa Luzia são parte de um vasto património histórico local.

Viana é uma terra de pessoas simpáticas e acolhedoras. Em Viana pode-se desfrutar de belas paisagens, boa gastronomia e de um riquíssimo património.

Figura 7. Texto final

Depois deste texto foi passado, pelos alunos, para o computador (Anexo VII). Posteriormente, foi colocado no manual/livro relativo ao Património histórico de Viana do Castelo como uma forma de contextualização.

Atividade 4 – Construção do manual/livro referente ao Património histórico local

Os alunos foram informados que iriam dar início ao processo de construção do manual/livro referente ao Património histórico local. Este iria decorrer em várias fases.

Primeiro os alunos tinham de escolher o título, autores e editores do manual. Depois era necessário passar a computador as informações relativas ao Património e o texto coletivo. Também era necessário iniciar o processo de construção do manual/livro.

Relativamente ao processo de construção do manual os alunos tinham de forrar um retângulo de papel celnorte com tecido. Depois de seco era colocada a informação impressa e por fim era colocado o título, autores e editora.

Numa primeira fase, os alunos foram divididos em três grupos. Um grupo foi para a sala dos computadores passar as informações referentes ao Património, abordado na atividade dois, e passar o texto coletivo. Os outros dois grupos ficaram na sala. Um grupo fez desenhos relativos a Viana, o outro começou a trabalhar na construção do manual.

Finalizada esta fase deu-se início à segunda fase. Nesta fase os alunos tinham que escrever o título, autores e editora do manual, em EVA (espécie de “espuma de borracha”).

A finalidade desta atividade era reunir, num pequeno livro, informação relativa ao Património histórico local. Deste modo, os alunos poderiam consultar sempre que necessitassem.

Análise da atividade

Começamos pela seleção de um título para o manual. Os alunos disseram as suas ideias e a professora estagiária registou no quadro, para que todos pudessem ver. As propostas foram as seguintes: “Viana do Castelo”; “Descobrir Viana”; “Uma aventura em Viana do Castelo”. Estas sugestões demonstram que os alunos querem dar a conhecer Viana do Castelo de uma forma divertida e aventureira. De modo a chegar a um consenso cada aluno votou no título que mais gostava. A escolha recaiu pelo título “Uma aventura em Viana do Castelo”. Todos os alunos ficaram satisfeitos e respeitaram a escolha da maioria. Este título vai de encontro ao título do manual escolar de Estudo do Meio adotado pela escola.

A escolha dos autores foi a mais fácil. Todos os alunos concordaram em ser a identificação da turma.

Por fim a escolha da editora. Os alunos referiram as seguintes possibilidades: “Viana do Castelo”; “Civilizações”; “Texto Editora”. Revelam aqui algum conhecimento relativo a editoras, que fazem parte do seu dia-a-dia escolar, pois estão presentes nos manuais, livros e textos que leem na sala de aula. A escolha recaiu para “Viana do Castelo”. Contudo no final este nome foi abreviado ficando a editora a ser “V.C.”.

No final desta primeira fase é de destacar o consenso dos alunos nas suas escolhas e o respeito pela opinião dos colegas.

Após estas escolhas partimos para a construção do livro. Para tal era necessário passar textos no computador e começar a construir o manual. Esta tarefa está integrada na oferta complementar de TIC. Os alunos têm um grande à vontade com os computadores, não evidenciando muitas dificuldades na passagem dos textos. Apenas tinham dificuldades em colocar os acentos nas palavras, mas foi-lhes explicado uma vez e depois já conseguiam.

Muitos dos alunos não estão habituados a escrever textos no computador. Em casa, a maioria dos alunos, apenas usam o computador para jogar, alguns para aceder às redes sociais. Estes pequenos momentos, que são proporcionados na escola, fazem com que eles não vejam apenas o computador como lugar destinado ao jogo, mas também como um meio que lhes permitem escrever textos, realizar trabalhos e até mesmo desenhar.

A construção do manual foi realizada a pares, enquanto um dobrava o outro colocava cola e fazia pressão para o tecido não descolar. Importa referir que os tecidos utilizados para forrar são amostras de tecidos, que existiam na escola e que aproveitamos para o nosso manual. O papel utilizado para a capa foi o papel celnorte, que é maneável e resistente. Este processo era moroso e os alunos tinham de ser apoiados pelos adultos da sala.



Figura 8. Construção do manual/livro (primeira fase)

Visto existirem dificuldades na gestão dos alunos nesta atividade decidimos mudar de estratégia. A partir de então, nas horas destinadas à construção do manual, que ocorriam em algumas sessões de Expressão Plástica, Estudo do Meio e Apoio ao Estudo os alunos realizavam tarefas em atraso, recordavam os conteúdos abordados sobre o Património, tinham apoio, preparavam o torneio de SuperTmatik e realizavam esta atividade. Assim a professora estagiária chamava quatro alunos de cada vez, para realizar a atividade. Os restantes alunos tinham a supervisão da outra professora estagiária e da professora cooperante. Com esta estratégia foi mais fácil e rápido ultrapassar esta primeira fase.

Finalizada esta fase deu-se início à segunda fase. Para isso tinha à sua disposição três tiras em EVA, de tamanhos diferentes (Figura 9), e um marcador preto.

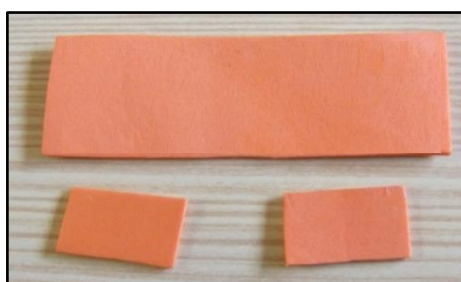


Figura 9. Tiras em EVA

Este foi um processo rápido, mas teve de ser repensado. Isto porque inicialmente os alunos estavam a escrever com marcador preto, mas este borratava deixando marcas e dificultando a escrita dos alunos. Foi então que decidimos utilizar uma caneta preta

comum, para que tal não acontecesse. Alguns alunos tiveram dificuldades em escrever neste material, visto ser esponjoso.

A última fase foi a colagem do título, autores e editora, e também do texto impresso. Esta decorreu com normalidade. No anexo VIII pode-se ver o interior do manual /livro.



Figura 10. Escrita e colagem

Esta atividade foi essencialmente prática. Durante o processo de construção os alunos mostraram-se motivados e empenhados. Alguns alunos perguntavam “Quando podemos levar o manual para casa?”; “Podemos levar para casa?”; “É esta semana?”.

Os alunos expressaram a sua opinião, relativamente ao manual: “Este livro é muito interessante, pois podemos aprender mais coisas sobre Viana do Castelo”.

Esta opinião foi dada por um grupo de alunos, mas todos concordaram. Demonstra que os alunos tiveram gosto pelo trabalho realizado, bem como gosto por aprender mais sobre o meio onde se inserem.

Antes de cada aluno receber o manual foi realizada uma atividade extra, que de seguida apresentamos.



Figura 11. Manual/ livro: Uma aventura em Viana do Castelo

Atividade extra – Apresentação do manual/livro *Uma aventura em Viana do Castelo*

Como referimos anteriormente, antes de cada aluno receber o seu manual/livro foi planeada uma apresentação do mesmo. Esta apresentação é uma atividade do relatório da parceira de estágio Cristina Ferreira, relacionada com a oralidade.

Para a apresentação foram nomeados seis alunos, que prepararam a apresentação oral com a professora estagiária. Esta apresentação teve como suporte uma apresentação em PowerPoint. Uma vez que na atividade dois estava previsto abordar as figuras ilustres, mas por falta de tempo não as apresentamos, coube a quatro destes alunos apresentar uma das seguintes figuras ilustres *Caramuru, João Álvares Fagundes, Frei Bartolomeu dos Mártires e António Manuel Couto Viana*.

Os restantes alunos comentaram cada uma das apresentações tendo em conta elementos paralinguísticos, discurso e aspetos não-verbais.

Análise da atividade

Os alunos avaliaram o discurso dos colegas de forma crítica, focando a avaliação na postura, projeção de voz, expressão e a coerência do discurso. Os alunos que apresentaram receberam com agrado as críticas dos colegas.

No que respeita às figuras ilustres os alunos conheciam todas elas. Recordaram *António Manuel Couto Viana* das lendas e do poema trabalhadas nas aulas. Relativamente ao *Caramuru* e ao *Frei Bartolomeu dos Mártires* revelaram empatia patrimonial, uma vez que sabiam a localização e para alguns dos alunos são locais pelos quais passam frequentemente. Por outro lado desconheciam *João Álvares Fagundes*, contudo questionaram se era a estátua que estava perto do Navio Gil Eannes, revelando assim consciência patrimonial.

Esta atividade serviu como consolidação da temática do Património histórico local.

No final das apresentações cada aluno recebeu com satisfação o seu manual. Os alunos demonstraram orgulho no trabalho realizado. Numa das visitas, que realizamos após o término do estágio, os alunos revelaram-nos que tinham lido todo o manual e que sabiam mais sobre a cidade de Viana do Castelo.

Ficou na memória a frase de um aluno “Obrigado por nos ensinarem as figuras ilustres. As professoras também são figuras ilustres”. Este aluno desde o dia em que pronunciamos as palavras “figuras ilustres”, que demonstrava curiosidade por aprender e saber mais sobre as figuras ilustres.

Conclusões

Os alunos, professores e encarregados de educação foram os elementos centrais desta investigação, que tinha como finalidade perceber a importância dada por estes ao manual escolar. Estes são grupos a quem o manual escolar diz muito. Isto porque é um recurso a que todos têm acesso e facilita o processo de ensino-aprendizagem.

De seguida, apresentamos as conclusões tentando responder às questões orientadoras, de modo a dar resposta à questão problema: *Que importância tem o manual escolar para os alunos, professores e encarregados de educação?*

Da primeira questão orientadora, *Como utilizam os alunos o manual escolar?*, podemos concluir que os alunos vêem-no como sendo muito importante para esclarecer as suas dúvidas. Fazem várias utilidades deste recurso, quer seja para rever a matéria, quer para ler os textos e fazer os exercícios. É um meio que lhes desperta a curiosidade para saber o que vão aprender. Os alunos têm necessidade de ter um suporte no qual possam esclarecer as suas dúvidas e pelo qual possam estudar.

Já no que respeita aos professores, levantamos duas questões: *Como é utilizado o manual escolar pelos professores no contexto sala de aula?; Será o manual escolar um instrumento importante no processo de ensino e aprendizagem?*

Os professores referem-se ao manual escolar como sendo um recurso, a base para o trabalho, que utilizam na sua prática, indo de encontro ao definido pela lei n.º47/2006. Funciona como auxiliar na planificação e diversificação das atividades, tendo sempre em conta as características das suas turmas e recorrendo a outros meios/recursos. O manual é visto como um recurso e não como o único recurso, que pode ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem. É um instrumento importante neste processo pois promove o trabalho autónomo do aluno, potenciando o sucesso escolar do mesmo. Os professores reconhecem que este recurso promove a relação escola-família, uma vez que possibilita o acompanhamento das aprendizagens do educando.

Por fim, apresentamos as duas questões levantadas aos encarregados de educação: *Considera o manual escolar um instrumento essencial na aprendizagem do seu*

educando? Porquê?; Será o manual escolar importante para o acompanhamento dos trabalhos de casa dos educandos?

Assim, para os encarregados de educação o manual escolar é um instrumento essencial na aprendizagem do educando, sendo um suporte da mesma. É visto como um auxiliar, um apoio, um meio que ajuda à compreensão dos conteúdos. Permite esclarecer dúvidas aos educandos, mas também aos encarregados de educação. A constante mudança de programas e métodos de ensino faz com que os encarregados de educação se apoiem no manual escolar, para auxiliar nas dúvidas e nas aprendizagens dos educandos. É algo em que podem confiar, sendo o meio de ligação entre a escola e a família.

Por outro lado, a realização das atividades foi pensada tendo em conta os resultados dos alunos. A área de Estudo do Meio é tida como a preferida dos alunos, pois é uma área onde partilham vivências e histórias pessoais. Para eles, é fundamental ter um suporte no qual possam esclarecer as suas dúvidas e rever a matéria.

Assim, a construção do manual/livro, *Uma aventura em Viana do Castelo*, permitiu aos alunos ter um suporte que abordasse a temática do Património histórico local. No manual adotado pela escola, onde decorreu a investigação, há referências ao Património Nacional, não fazendo uma abordagem do Património de Viana do Castelo. Contudo é proposta uma atividade para que os alunos investiguem sobre o seu meio local.

A interdisciplinaridade criada entre a área de Português e a de Estudo do Meio permitiu aos alunos uma melhor assimilação dos conteúdos. Potenciou ainda momentos de partilha de experiências e opiniões. A *metodologia da descoberta* revelou-se uma mais-valia para a construção do conhecimento dos alunos, pois fez com que estes se envolvessem num processo de aprendizagem ativo (Roldão, 1995, p. 31).

O à vontade, com que realizaram as atividades de descoberta do seu meio local, demonstrou o seu conhecimento relativo ao Património histórico da sua cidade, revelando consciência, empatia e cidadania patrimonial.

Foi com satisfação que vimos o envolvimento dos alunos na construção do livro. Desde a fase da produção escrita, recorrendo ao computador, até a finalização, escrita e colagem do título, autores e editora, passando pelo forrar da capa, com tecido. Na

apresentação, os alunos selecionados, revelaram ser conhecedores do Património e apresentaram as figuras ilustres com assertividade. Posteriormente todos os alunos foram capazes de referir as figuras ilustres. A reação dos alunos ao verem o trabalho final foi gratificante. Todos gostaram e demonstraram contentamento e orgulho no trabalho realizado.

Nas diferentes atividades os alunos estiveram ativos, participativos, interessados e partilharam os seus conhecimentos. “Aprender implica sempre estar interessado em aprender, haver uma identificação afetiva de quem estuda com o tema abordado, gerando-se uma genuína curiosidade que tem a ver com o significado que o assunto assume para o aluno” (Roldão, 1995, p. 33). Desempenharam competências de cidadania ao saberem cooperar e respeitar as opiniões dos outros, agindo de forma responsável.

Durante as várias sessões os alunos foram capazes de enumerar os diferentes monumentos e edifícios, que fazem parte do Património local, assim como referiram o significado de *foral*. Foram capazes de mencionar o nome do Rei que o atribuiu, bem como quem elevou a vila a cidade. Isto revela que os conteúdos foram adquiridos e consolidados. Importa referir que tivemos sempre em consideração as ideias prévias dos alunos. Estas foram o ponto de partida para, através de imagens, partir à descoberta da cidade de Viana do Castelo.

Face ao exposto, podemos concluir que conseguimos dar resposta à questão problema, através das questões orientadoras. Os alunos, professores e encarregados de educação inquiridos atribuem muita importância ao manual escolar, sendo este um recurso privilegiado no processo de ensino-aprendizagem. Podemos ainda concluir que os objetivos de todas as atividades foram alcançados.

Durante toda a PES II, na nossa sala, não nos cingíamos apenas ao manual escolar. Propusemos aos alunos várias tarefas e atividades que não estavam presentes neste, mas que iam de encontro às características da turma e aos objetivos estipulados para cada área curricular. Apenas na área de Estudo do Meio recorríamos mais ao manual, a fim de retirar imagens, que do nosso ponto de vista se adequavam ao conteúdo e aos alunos. Aproveitávamos algumas atividades adaptando-as à nossa realidade educativa. Também utilizamos o CD-Aula Digital. Como pudemos verificar são poucos os alunos que o

possuem, assim na sala de aula, em alguns momentos utilizamos os jogos educativos para, de uma forma lúdica, consolidar a matéria lecionada.

Os alunos já estavam familiarizados com esta dinâmica, em que o manual escolar assume o papel de apoio às aprendizagens. Em alguns momentos, era o ponto de partida para uma temática, outras vezes servia para consolidação dos conteúdos. Também na escola, daquilo que fomos sabendo e vendo, o manual é utilizado como um de muitos recursos educativos disponíveis.

Assim, vemos o manual escolar como sendo um recurso, que serve de guia para o aluno e que é uma ajuda para os encarregados de educação. Também é um guia para o professor, pois nele encontra várias propostas de atividades, que podem ser adaptadas às suas turmas. É um livro que, na sua maioria, contém todos os conteúdos, que devem ser abordados durante o ano letivo. Permite uma visão geral daquilo que se vai trabalhar, sendo uma ajuda na planificação das aulas. Contudo, devemos ter em conta o rigor científico, linguístico e conceptual, de modo a evitar a transmissão de conteúdos errados e sempre que necessário alertar os alunos e encarregados de educação para tais erros.

Achamos que o conhecimento das opiniões dos alunos e encarregados de educação é fundamental, para que o ensino-aprendizagem seja de qualidade. Todos os professores deveriam fazer um questionário, no início do ano letivo, sobre a importância do manual escolar, a fim de perceber como é visto pelos principais utilizadores deste recurso. Aproximaria ainda mais a família da escola favorecendo as aprendizagens e contribuindo para a consciencialização da existência de outros recursos educativos, que potenciam a aprendizagem e o desenvolvimento.

Este estudo contribuiu para repensar o modo como olhava o manual escolar. Durante a minha vida académica era bastante utilizado, por vezes como único recurso de apoio ao processo de ensino-aprendizagem. Vía-o como sendo importante e imprescindível ao estudo e à formação académica. Hoje já não penso assim. Devido aos ensinamentos, transmitidos ao longo do ensino superior, e à prática supervisionada a opinião foi mudando. Hoje vejo-o como um recurso, um livro de apoio, sendo possível utilizar outros recursos mais económicos e dinâmicos.

Nos dias que correm, não se justifica utilizá-lo como único e imprescindível. Primeiro devido à existência de um leque enormíssimo de recursos didáticos acessíveis. Segundo porque podemos fazer uso de evidências concretas, ou seja, fazendo uso do meio que nos rodeia possibilitar o observar diretamente, para que os alunos conheçam o seu meio e comecem a construir o seu próprio conhecimento. Terceiro fazer uso das novas tecnologias criando ou utilizando recursos práticos e apelativos. Para isto, os professores têm de ter vontade de mudar as suas práticas, inovando-as, e procurar esses recursos.

Esta investigação apresenta algumas limitações. O facto do tempo para a sua realização ser reduzido não permitiu uma maior abrangência, tornando-a redutora. As conclusões espelham a realidade de uma turma, de alguns dos encarregados de educação e de apenas seis professores, não podendo ser vistas como uma verdade universal.

Deixamos algumas sugestões para trabalhos futuros. Seria importante alargar este estudo a todas as comunidades escolares, a fim de perceber a importância atribuída aos manuais escolares. Também seria interessante desenvolver um projeto de construção de um manual/livro do Património histórico local, dentro do mesmo Agrupamento de Escolas, recorrendo aos mesmos critérios. Assim, os diversos alunos poderiam conhecer o meio que os rodeia, conhecendo um pouco da História e do Património da comunidade escolar.

CAPÍTULO III – REFLEXÃO FINAL DA PES I E II

Desde criança que me lembro de brincar às professoras e educadoras e de querer ser, quando fosse grande, educadora de infância. Com o passar dos anos as brincadeiras passaram a ser um gosto, uma paixão, levando-me a chegar até aqui.

Ao longo da minha formação académica foram várias as oportunidades de contactar com crianças e poder observar o trabalho que se faz com as mesmas. Estive em diferentes contextos onde as crianças podem estar (escola, hospital, atividades de tempos livres). O gosto foi crescendo e intensificando-se, tornando a possibilidade de trabalhar com crianças cada vez mais forte e real.

Quando ingressei no ensino superior tive, mais uma vez, a oportunidade de estagiar com crianças em diferentes níveis e ciclos de aprendizagem. O pré-escolar foi sempre uma paixão, mas chegado o momento de escolher o mestrado, e depois de uma boa experiência no 1.º ciclo, decidi enveredar pelo mestrado em Educação pré-escolar e ensino do 1.º ciclo, pois é uma mais-valia poder obter formação nestas duas vertentes.

Passemos à experiência proporcionada pela PES I e PES II, que decorreram em contexto pré-escolar e no 1.º ciclo, respetivamente. No pré-escolar o grupo era heterogéneo (3-5anos) e constituído por onze crianças. Já a experiência no 1.º ciclo decorreu numa sala do 3.º ano com trinta alunos.

As semanas de observação, comuns aos dois estágios, foram bastante importantes, pois permitiu-me conhecer as capacidades e limitações das crianças/alunos, bem como adaptar-me ao meio e perceber o modo como a educadora e a professora cooperante organizavam as sessões.

Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades. (Ministério da Educação, 1997, p.25)

Tendo como base a observação e as orientações da educadora e professora cooperante tínhamos que planificar as nossas sessões. Em alguns momentos, em contexto pré-escolar, tive dificuldade em passar para o papel o modo como seria

realizada a atividade, apesar de saber como a iria realizar. Sentia dificuldades em explicar de forma simples e perceptível a quem estivesse a ler. Depois das implementações vinham as reflexões. Surge assim mais uma dificuldade. Nestas senti dificuldades em avaliar as aprendizagens, principalmente nos pontos fracos das aprendizagens das crianças. Houve momentos em que não sabia o que escrever, pois no meu ponto de vista tinha corrido tudo bem, uma vez que as crianças não tinham demonstrado dificuldades na compreensão do exposto. Contudo havia sempre fatores que influenciavam a aprendizagem.

As conversas e os feedbacks que ia tendo das cooperantes, no final do dia ou final da semana, assim como a opinião do meu par pedagógico foram uma grande ajuda. Planificar e refletir tornou-se um hábito e as dificuldades foram ultrapassadas. Os momentos de reflexão com os professores supervisores foram importantes, uma vez que ouvíamos uma opinião fundamentada de que está fora do contexto.

Tal com é definido nas OCEPE “planear implica que o educador reflita sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização” (Ministério da Educação, 1997, p.26).

O mesmo se aplica ao 1.º ciclo. A planificação é um guia, um plano que orienta a nossa prática. Nela definimos os objetivos, que pretendemos atingir tendo em conta os conteúdos abordar, bem como as estratégias, recursos e métodos de avaliar.

No pré-escolar, nos momentos de implementação, tivemos sempre o cuidado de dar tarefas iguais a todos, mas tínhamos sempre em atenção o nível etário e o desenvolvimento de cada criança. Já no 1.º ciclo tínhamos o cuidado de prestar apoio àqueles alunos que estavam destacados com NEE e diferenciação pedagógica. Quando realizávamos trabalhos em grupo tentávamos que fossem o mais heterogêneos possível, uma vez que facilita o desenvolvimento e a aprendizagem. É fundamental que um educador/professor conheça o seu grupo/turma para poder ajudar e preparar as suas sessões da melhor forma, tendo sempre em conta as suas potencialidades e dificuldades.

A reflexão possibilitou ter consciência de que alguns métodos e estratégias tinham de ser redefinidos, pois não funcionavam com o grupo/turma, outras vezes que eram funcionais e poderiam ser aplicados novamente.

No pré-escolar, como já era previsível, os nossos dias começavam com as rotinas. Estas são fundamentais, uma vez que permitem às crianças ter noção da sequência do trabalho a realizar. Contudo, achei interessante a aplicação de rotinas no 1.º ciclo, nas diferentes áreas curriculares. Apesar de só as termos aplicado ao Português e à Matemática é possível aplicá-las às restantes áreas. As rotinas são uma ótima estratégia para relembrar os conceitos lecionados anteriormente, dando possibilidade aos alunos de sistematizarem os diferentes conteúdos. Com o decorrer das implementações fui constatando essa necessidade de sistematização, tentando abordar conteúdos em que os alunos tinham mais dificuldades e tentando consolidar outros. Este trabalho implicou reflexão acerca do desempenho e resultados dos alunos.

Falemos agora de aspetos mais específicos de cada contexto. Começemos pelo pré-escolar. Quase todas as semanas estabelecíamos conexões com as diferentes áreas de conteúdos. Segundo as OCEPE

Acentua-se a importância de interligar as diferentes áreas de conteúdo e de as contextualizar num determinado ambiente educativo. . . . Só este processo articulado permite atingir um outro objetivo que deverá atravessar toda a educação pré-escolar: despertar a curiosidade e o espírito crítico” (Ministério da Educação, 1997, p. 22).

Em todas as implementações, à exceção de uma semana, optamos por partir de uma história ou livro infantil, para abordar as diferentes temáticas. Esta opção baseou-se numa das rotinas semanais, pois à segunda-feira era o dia da história, mas também, porque tal como refere Mata (2008)

O que se lê nos livros, para além de ser uma importante fonte de conhecimento, pode servir de ponto de partida para explorações e pesquisas, para se saber mais sobre determinado assunto, para se compararem vivências e conhecimentos. A história tem assim um potencial imensurável e diversificado, adequando-se a sua exploração aos interesses e vivências de cada grupo de crianças. (p. 79)

Outro aspeto a realçar são os materiais construídos. Apesar de não termos construído muitos materiais, os que construímos foram, na minha opinião, um bom auxílio. Também privilegiamos os trabalhos das crianças, ou seja, houve momentos em que foram as crianças, que como o nosso auxílio, criaram os materiais. Por exemplo a construção do gráfico de barras, na última semana de intervenção.

Os outros recursos, como imagens e livros, foram, igualmente, um bom auxílio. As crianças demonstraram curiosidade e interesse nos recursos utilizados, principalmente nos livros e nas imagens. Estavam constantemente a observar os pormenores, a questionar, demonstrando imaginação e criatividade. Tentei sempre levar recursos que cativassem as crianças.

A interação com as crianças foi boa, tentei de uma forma simples cativar a sua atenção e o interesse nas atividades. No início tive algumas dificuldades em manter todo o grupo atento. Apesar de serem apenas onze crianças, em alguns momentos estavam irrequietas e isso dificultava a transmissão de informação. Esta dificuldade foi mais notória em algumas sessões de motricidade.

No 1.º ciclo também tentamos estabelecer conexões entre as diferentes áreas curriculares. Neste nível de ensino foi mais complicado fazê-lo, pois existe um programa que tem de ser cumprido e os temas que tínhamos que abordar não nos possibilitaram fazer todas as conexões. A área das Expressões, mais especificamente a Expressão Plástica e a Musical, estabelecia quase sempre conexão com o Português, com o Estudo do Meio ou com ambos. Houve uma semana em que conseguimos estabelecer conexões com quase todas as áreas, isto porque estávamos a trabalhar um tema do Plano Anual de Atividades.

Na minha opinião é mais fácil estabelecer conexões no pré-escolar do que no 1.º ciclo. A existência de metas e programas, bem como de planificações mensais dos agrupamentos dificultam este processo. Porém não é impossível. Para isso o professor tem que planificar as suas sessões e sempre que possível estabelecer conexões, uma vez que ajudam o aluno na assimilação dos conteúdos e na mobilização dos mesmos.

Neste nível de ensino criei uma boa relação com todos os alunos. No início o facto de serem trinta assustou-me um pouco. Costumava dizer “passamos do oito para o oitenta”. Apesar de ser uma turma numerosa não deu muitas dores de cabeça. Houve um ou outro momento em que estavam mais irrequietas, do que o normal, mas nada que não conseguisse ultrapassar.

Era uma turma que se envolvia com facilidade nas várias tarefas e atividades, não apresentando receios em participar ativamente. Nas aulas de Estudo do Meio parecia que se libertavam. Era o momento da partilha de experiências, de saberes e curiosidades.

Não senti dificuldades em abordar os conteúdos que me foram propostos trabalhar. Tentei sempre abordá-los do modo que me parecia ser mais eficaz para a turma. Tentei dar resposta às dificuldades dos alunos e consegui ver algumas melhorias. Por exemplo em matemática a resolução de problemas foi bastante trabalhada, pois os alunos tinham dificuldades na interpretação. Assim, trabalhamos a interpretação em grande grupo de modo a que os alunos partilhassem a suas dúvidas e ideias sobre o problema. Como refere o Ministério da Educação (2013)

“Oralmente, deve-se trabalhar com os alunos a capacidade de compreender os enunciados dos problemas matemáticos, . . . , discutindo, do mesmo modo, estratégias que conduzam à sua resolução. Os alunos devem ser incentivados a expor as suas ideias, a comentar as afirmações dos seus colegas e do professor e a colocar as suas dúvidas”. (p.5)

Por vezes senti dificuldades em gerir a turma, isto é, em prestar apoio a todos aqueles que necessitavam. Tentei sempre dar apoio aos alunos destacados, mas era complicado. Acho que se estivesse sozinha na sala não conseguiriam dar apoio a todos os que o solicitassem. A estratégia de entreaajuda entre parceiros de mesa é boa, mas para que tal aconteça é necessário que o parceiro esteja disposto a ajudar.

Criei uma relação de confiança com as crianças e alunos. No pré-escolar a convivência com as crianças foi diferente, isto porque convivíamos mais com elas. O facto de prestarmos apoio no lanche, recreio e almoço permitiu conhecê-las melhor e perceber as suas relações com os outros. Era compensador andar no recreio e ouvir as crianças a falar dos temas abordados na sala. Isto era sinal que a informação foi sido transmitida e tinha interesse para elas. No 1.ºciclo já não foi possível criar estes momentos, uma vez que no intervalo tinha sempre algo para preparar ou fazer. Sempre que possível dava uma espreitadela pela janela, de modo a observar os comportamentos e brincadeiras dos alunos.

A relação com o par pedagógico foi fundamental, para que a prática tenha decorrido da melhor forma. Sempre nos apoiamos nos diferentes momentos, quer de planificação, quer de reflexão, bem como durante a implementação.

No que respeita à educadora e à auxiliar a relação que construímos foi de cooperação e entreajuda. A educadora aceitou sempre as nossas opiniões e as nossas sugestões de atividades, o que permitiu criar um bom ambiente, quer dentro, quer fora da sala. No 1.º ciclo a relação com a professora cooperante equipara-se à da educadora. Agradeço-lhes a paciência, a disponibilidade, bem como o incentivo transmitido ao longo do estágio. Foram momentos de aprendizagem, onde o apoio e a ajuda prestados, por ambas as cooperantes, contribuíram para o meu crescimento. Também é de salientar a relação criada com os docentes do 1º ciclo, e com o pessoal não docente.

Este período de estágio foi muito enriquecedor quer a nível pessoal, quer a nível profissional. Tal como refere Fagundes (2005) citado por Caldeira (2012, p.1), a prática deve

proporcionar . . . aos alunos-estagiários, em processo de desenvolvimento pessoal e profissional, um conjunto de conhecimentos e atitudes que os preparem para novos desafios e os ensine a compreender a complexidade das situações educativas, a detetar e enfrentar os problemas numa dinâmica de construção e reconstrução do saber profissional, a partir de contextos de ação pedagógica e de atitudes de ação e reflexão.

Também de acordo com Flores (2000, citado por Caldeira, 2012, p.3) “esta fase de formação constitui um ‘período de formação em que o aluno/futuro professor adquire e desenvolve um conjunto de conhecimentos, competência, destrezas e atitudes que lhe permitirá exercer a sua profissão”.

Foram oito meses (quatro em contexto pré-escolar e quatro em contexto 1.º ciclo) vividos com intensidade. Houve sorrisos, alegrias, momentos para brincar e para aprender. Nos momentos de aprendizagem os alunos trabalharam com afinco e dedicação. Todos os momentos vividos foram importantes. Agradeço às crianças e aos alunos por me deixarem participar no seu crescimento académico.

A PES I e II foram um marco importante na minha formação académica, uma vez que me fez crescer a nível profissional, mas também pessoal. Foi um desafio superado do qual levo todos os ensinamentos transmitidos pelos alunos/crianças, cooperantes, professores supervisores e parceira de estágio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, I., & Barca, I. (2013). *O manual escolar em educação histórica: perspectivas de alunos e professores portugueses do ensino secundário*. Em Prats, J., Barca, I. & Facal, R. (Orgs) (2013). *História e Identidades Culturales - Atas do V Simpósio Internacional de Didáctica de las Ciencias Sociales en el Ámbito Iberoamericano & Congresso Internacional das XII Jornadas de Educação Histórica*. Braga: CIED, Universidade do Minho. Disponível em http://webs.ie.uminho.pt/conscienciahistorica/Historia_Identidades_culturales.pdf
- Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação?. *Cadernos de Formação de Professores*, 1, 21-30. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/sd/textos/alarcao01.pdf>
- Almeida, C. A. F. (1993). Património – Riegl e hoje. *Revista da Faculdade de Letras: História*, 10 (II série), 407-416. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7866/2/2249.pdf>
- Barca, I. (2001). Educação Histórica: uma nova área de investigação. *Revista da Faculdade de Letras: História*, 2 (série III), 13-21. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2305.pdf>
- Barca, I. (2007). A educação histórica numa sociedade aberta. *Currículo sem Fronteiras*, 7 (1), 5-9. Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/introbarca.pdf>
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Caldeira, C. M. S. (2012). *Relatório de estágio de Mestrado*. Universidade da Madeira, Madeira. Disponível em <http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/358/1/MestradoC%3%A1tiaCaldeira.pdf>
- Choppin, A. (2004). História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte (Cappello, M. A. C. C., Trad.). *Educação e Pesquisa* - São Paulo, 30 (3), 549 - 566. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., & Vieira, S. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13 (2), 355-380. Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investiga%C3%A7%C3%A3o_Ac%C3%A7%C3%A3o_Metodologias.PDF
- Decreto-lei n.º 5/2014 de 14 de janeiro. *Diário da República n.º 9 - I Série*. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa. Disponível em <http://www.dgicd.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=65>

- Diário do Governo n.º 41/1910 de 22 de novembro. Disponível em <https://dre.pt/pdfgratis/1910/11/04100.pdf>
- Félix, N., & Roldão, M. (1996). *Dimensões formativas de disciplinas do ensino básico: história*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Freitas, M. L. A. V. (2005). *História de Portugal no 1º ciclo do ensino básico: os programas, os manuais e a voz dos alunos*. Em SILVA, Bento D. ; ALMEIDA, Leandro S., (coord.). Actas do Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, (2135-2149). Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3945/1/Hist%C3%B3ria%20no%201%C2%BA%20ciclo%20do%20ensino%20b%C3%A1sico.pdf>
- Gérard, F., & Roegiers, X. (1998). *Conceber e Avaliar Manuais Escolares*. Porto: Porto Editora.
- Lei n.º 5/73 de 25 de julho. *Diário do Governo n.º 173 – I Série*. Presidência da República. Lisboa. Disponível em <http://www.dre.pt/pdf1s/1973/07/17300/13151321.pdf>
- Lei n.º 46/86 de 14 de outubro. *Diário do Governo n.º 237 – I Série*. Presidência da República. Lisboa. Disponível em <http://www.dges.mctes.pt/NR/rdonlyres/2A5E978A-0D63-4D4E-9812-46C28BA831BB/1126/L4686.pdf>
- Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro. *Diário da República n.º 209 – I Série A*. Assembleia da República. Lisboa. Disponível em <http://dre.pt/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>
- Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto. *Diário da República n.º 166 – I Série A*. Assembleia da República. Lisboa. Disponível em <http://dre.pt/pdf1sdip/2005/08/166A00/51225138.pdf>
- Lei n.º 47/2006 de 28 de agosto. *Diário da República n.º 165 – I Série A*. Ministério da Educação. Lisboa. Disponível em <http://www.dgicd.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=65>
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e práticas*. Instituto Piaget: Lisboa.
- Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: textos de apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Direção geral de inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-acção*. Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004). *Organização curricular e programas – Estudo do Meio (4ª ed.)*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2013). *Programa e Metas Curriculares - Matemática*. Ensino Básico. Lisboa: Ministério da Educação.

- Nascimento, E. C. (s.d.). Educação histórica e patrimônio: experiências de educação patrimonial na ilha do mel – Paranaguá (2012). Brasil. Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia_artigos/evandro2012.pdf
- Pacheco, J. A. (2007). *Currículo: Teorias e Práxis*. Porto: Porto Editora.
- Peixinho, J. I. P. (2011). *O processo de avaliação e certificação de manuais escolares* (Dissertação de mestrado). Universidade de Aveiro, Aveiro. Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/6794/1/disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- Pereira, M. P. R., & Cardoso, A., P., P., O. (2010). A escola e a educação patrimonial: perspectivas de intervenção. *Revista Millenium*, 38, 107-124. Disponível em <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium38/9.pdf>
- Pintassilgo, J. (2001). *A República e o ensino da história: inovações e permanências*. Edições Colibri. Disponível em <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4019/1/A%20Rep%C3%ABblica%20e%20o%20ensino%20da%20Hist%C3%B3ria.pdf>
- Pinto, M. H. M. N. F. (2011). *Educação Histórica e Património: conceções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente* (Tese de Doutoramento). Universidade do Minho, Braga. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/19745>
- Pires, P., Gonçalves, H., & Landeiro, A. (2013). *A Grande Aventura – Estudo do Meio 3ºano*. Alfragide: Texto.
- Portaria n.º 81/2014 de 9 de abril. *Diário da República n.º 70 – I Série A*. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa. Disponível em <http://www.dgicd.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=65>
- Quivy, R., Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais – trajectos*. Lisboa: Gradiva.
- Rego, B., Gomes, C. A., & Balula, J. P. (2010). *A avaliação e certificação de manuais escolares em Portugal: um contributo para a excelência*. Comunicação apresentada no XI Congresso da AEPEC - "Da exclusão à excelência. Caminhos Organizacionais para a qualidade da Educação". Universidade de Évora, Évora, Évora, Portugal. Disponível em http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/RegoGomesBalula_2012.pdf
- Roldão, M. (1995). *O Estudo do Meio no 1º Ciclo: fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora.
- Santos, M. E. (2001). *A Cidadania na “Voz” dos Manuais Escolares*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Serrão, J. (1985). *Dicionário de História de Portugal*. Volume III. Porto.
- Solé, G. (2014). O manual escolar no ensino primário em Portugal: perspetiva histórica e análise do ensino da História através deste recurso didático. *Revista de la Facultad de Educación de*

Albacete, 29 (1), 43-64. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29941/1/O%20manual%20escolar%20no%20ensino%20prim%C3%A1rio%20em%20portugal.pdf>

Telmo, I., C. (1986). *O património e a escola: do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora.

Fontes consultadas para a elaboração do manual/livro *Uma Aventura em Viana do Castelo*

- Câmara Municipal de Viana do Castelo. [Disponível em: <http://cm-viana-castelo.pt/pt/brochuras-promocionais/>.] (Consultado em janeiro 2014).
- Fernandes, J. C. (1999). *Tesouros de Viana: roteiro monumental e artístico*. Viana do Castelo: Grupo Desportivo e Cultural dos Trabalhadores dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.
- Museu Virtual Viana do Castelo. [Disponível em: <http://www.mvvc.ipvc.pt/>]. (Consultado em janeiro 2014).
- Olhar de Viana. [<http://olharvianadocastelo.blogspot.pt/>]. (Consultado em janeiro 2014).

ANEXOS

Anexo I - Planificação

Escola: Escola		Ano /Turma :3ºano	Data: 13 a 15 de janeiro		
Mestrando: Cristina Ferreira e Susana Caetaninho		Período: 2º período			
Temas /Conteúdos /Blocos/ Domínios	Competências/ Objetivos específicos/ Objetivos gerais/ Descritores	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho (incluir aprendizagens prévias se relevante)	Materiais/re cursos/espacos físicos	Tempo	Avaliação
Número e operações	Números naturais: -Efetuar contagens progressivas, com saltos fixos, que possam tirar partido das regras de construção dos numerais cardinais. - Identificar o	<u>Segunda-feira</u> Matemática (9h – 10h30min) Sumário: Exercícios de aplicação da matéria dada. Para iniciar a sessão a estagiária escreve no quadro dois números – 10 950 e 11 005- os alunos terão de partir do número 10 950 e, saltando de 5 em 5, chegar ao 11 005. Posteriormente analisam as regularidades e fazem a leitura por ordens e classes. A correção será realizada no quadro.		15 min	Efetua contagens progressivas, com saltos fixos. Identifica o valor posicional dos algarismos que compõem um número natural.

	<p>valor posicional dos algarismos que compõem um número natural.</p> <p>- Efetuar a leitura por classes e ordens.</p> <p>- Conhecer e utilizar corretamente os numerais romanos.</p>	<p>De seguida os alunos representam, no caderno, os números até 20 em numeração romana.</p> <p>Correção do exercício no quadro.</p>		15 min	<p>Efetua a leitura por classes e ordens.</p> <p>Identifica e utiliza, de forma correta, os numerais romanos.</p>
Organização e tratamento de dados	<p>Representar conjunto de dados:</p> <p>- Representar conjuntos de dados em diagrama de</p>	<p>Posteriormente os alunos vão realizar exercícios. A estagiária escreve no quadro os exercícios, os alunos copiam para o caderno e resolvem.</p>		60 min	<p>Representa, de forma correta, conjuntos de dados em diagrama de caule-e-folhas.</p>

	caule-e-folhas. Tratar conjuntos de dados: - Identificar a moda de um conjunto de dados.				Identifica a moda de um conjunto de dados.
		Português (11h – 12h30min) Sumário: Leitura e interpretação da <i>Lenda de Viana</i> de António Manuel Couto Viana.			
Leitura e escrita	- Expandir o vocabulário.	A sessão inicia-se com a rotina do português. Esta consiste em escrever frases começadas por uma expressão. A estagiária escreve no quadro duas expressões e os alunos terão de escrever uma frase começada por cada uma delas. Os alunos, nomeados, leem em voz alta as suas frases. À medida que os alunos leem, a estagiária vai colocando questões gramaticais (exemplo: qual é o verbo? A que conjugação pertence? Classifica a palavra quanto à divisão silábica).		15 min	Escreve frases com coesão frásica.
	5 - Ler em voz alta palavras e textos: 4. - Ler um texto	De seguida é dado a cada aluno a <i>Lenda de Viana</i> . Primeiramente a leitura é realizada pela estagiária. Depois esta nomeia alguns alunos para lerem.	<i>Lenda de Viana.</i>	30 min	Lê em voz alta com articulação e

<p>À descoberta dos outros e das instituições</p>	<p>com articulação e entoação corretas.</p> <p>- Compreender o essencial do texto escutado e lido.</p> <p>O passado do meio local:</p> <p>- Conhecer factos e datas importantes para a história local.</p> <p>O passado do meio local:</p> <p>-Conhecer vestígios do</p>	<p>Após a leitura serão colocadas questões de interpretação. <i>Como se chamava a povoação? Qual a vocação da povoação? Como se chama a personagem principal? O que fazia a Ana? Quem ouvia as cantigas de amor e amigo? Como era o barco? O que transportava? Que sentimento tinha o rapaz por Ana? Com que se deparavam os pescadores quando vinha da faina? Quem concedeu o foral? Que nome deu a Átrio? O que é um foral?</i></p> <p>De seguida os alunos registam no caderno o que é o foral. O foral é um documento que estabelecia deveres e privilégios aos habitantes de uma determinada povoação. Este é atribuído por um Rei.</p> <p>Estudo do Meio (14h - 15h30min)</p> <p>Sumário: Património, figuras e vestígios do passado local.</p> <p>Nesta sessão os alunos vão partir à descoberta do Património da Cidade de Viana do Castelo, tanto do ponto de vista da Herança Cultural e Histórica, como da Arquitetura Contemporânea, Literatura e Etnografia. Para tal, com recurso a um PowerPoint, a estagiária apresenta imagens – fazendo uso da pedagogia da descoberta – referentes a monumentos,</p>	<p>PowerPoint: Património e figuras ilustres</p>	<p>25 min</p> <p>90 min</p>	<p>entoação corretas.</p> <p>Responde corretamente às questões colocadas.</p> <p>Identifica algum património do meio local.</p>
---	--	--	--	-----------------------------	---

	<p>passado local.</p> <p>- Identificar figuras da história local.</p>	<p>edifícios e estátuas, relacionados com o passado da região, em que os alunos terão de os identificar. Estes devem dizer o nome pelo qual é conhecido. Só depois a estagiária revela o nome e refere alguma informação complementar.</p> <p>No final a estagiária informa que, durante o mês de janeiro, vão construir um manual referente a Viana do Castelo, tendo especial atenção aos pormenores relativos à caracterização e descrição do Património local material e imaterial, questionando a turma relativamente à construção de um manual didático:</p> <p>(Sugestão de Questionamento a efetuar)</p> <p><i>Que informação vamos colocar no manual?</i></p> <p><i>Que nome vamos atribuir ao manual?</i></p> <p><i>Quem são os autores? E a editora?</i></p> <p>Em grande grupo serão discutidas estas questões, de modo a chegar a um consenso. Para finalizar, proceder-se à marcação dos trabalhos de casa.</p> <p>Expressão musical (15h30min)</p> <p>Sumário: Ensaio da música das janeiras.</p> <p>Os alunos vão ensaiar a música das janeiras, trabalhada na semana anterior.</p>			<p>Identifica algumas figuras da história local.</p> <p>Canta a música no</p>
<p>Jogos de exploração</p>	<p>Voz:</p> <p>- Cantar canções.</p>				

	caligrafia legível.				
Números e operações	<p>Números naturais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e utilizar corretamente os numerais romanos. - Adicionar e subtrair números naturais utilizando algoritmo. 	<p>Matemática (11h - 12.30h) e (14h - 15h)</p> <p>Sumário: Círculo, circunferência, raio e diâmetro.</p> <p>Para iniciar a sessão os alunos escrevem a data e a numeração romana do número 20 até ao 30. Realizam também um algoritmo da adição e outro da subtração, que envolvam transporte.</p>		15 min	<p>Identifica e utiliza, de forma correta, os numerais romanos.</p> <p>Realiza corretamente os algoritmos da adição e subtração.</p>
Geometria e medida	<p>Figuras no plano:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar uma 	<p>Como forma de introduzir esta temática a estagiária dá a cada aluno um copo de plástico e uma folha branca. De seguida os alunos realizam a seguinte atividade (a estagiária vai</p>			<p>Identifica circunferência</p>

	<p>circunferência.</p> <p>- Identificar um círculo.</p> <p>Utilizar os termos <i>centro, raio e diâmetro</i>.</p>	<p>dizendo os passos que têm de seguir):</p> <p>1º - contornar a base do copo.</p> <p>2º - recortar o círculo.</p> <p>3º - dobrar o círculo ao meio.</p> <p>4º - traçar o vinco com um marcador.</p> <p>5º - dobrar o círculo em quatro.</p> <p>6º - traçar o outro vinco.</p> <p>7º - marcar o ponto em que as linhas se cruzam.</p> <p>No final, tendo em conta a atividade anterior, a estagiária questiona:</p> <p><i>O que é uma circunferência?</i> É uma linha curva fechada que delimita uma região que se chama círculo.</p> <p><i>O que é um círculo?</i> É uma região plana delimitada pela circunferência. A linha de fronteira do círculo chama-se circunferência.</p> <p><i>Como se chama o ponto onde as linhas se cruzam?</i> É o centro. O centro é o ponto que se encontra à mesma distância de todos os pontos da circunferência.</p> <p>Para comprovar esta definição os alunos vão ser jardineiros. Estes têm de marcar um canteiro com forma circular. Para tal a estagiária dá a cada aluno um retângulo, em papel celnorte. Este tem um pionés, que será o centro. No pionés está preso um pedaço de fio. Os alunos têm de colocar o lápis na ponta do fio. Depois vão traçar a circunferência. Para tal pegam no lápis, que já está preso ao fio, esticam o fio e desenham a circunferência.</p> <p>No final os alunos chegarão à conclusão que o centro está a mesma distância de qualquer ponto da circunferência.</p>	<p>Copos</p> <p>Folhas brancas</p> <p>Retângulos em papel celnorte,</p>	<p>75 min</p>	<p>s e círculos.</p> <p>Utiliza, corretamente, os termos <i>centro, raio e diâmetro</i>.</p>
--	---	---	---	---------------	--

		<p><i>O que representa o fio?</i> O fio representa o raio. O raio é um segmento de reta que liga qualquer ponto da circunferência ao centro.</p> <p>O que será o diâmetro? É um segmento de reta que liga dois pontos da circunferência, passando pelo centro.</p> <p>Então o diâmetro é o dobro do raio.</p> <p>Posteriormente os alunos vão colar, no caderno, o círculo que fizeram na primeira atividade e fazer a respetiva legenda (círculo, circunferência, raio, diâmetro, centro).</p> <p>Depois do registo a estagiária pega no compasso e mede 3cm na régua. Refere que a medida da abertura do compasso corresponde à medida do raio. De seguida desenha a circunferência. De seguida os alunos, com o auxílio de um compasso, vão desenhar, no caderno, uma circunferência e um círculo. A estagiária informa que os compassos são um objeto de trabalho e que devem ter cuidado, para não se magoar, devido à espécie de agulha que possui.</p> <p>Como forma de aplicar o aprendido a estagiária pede aos alunos para desenharem:</p> <ul style="list-style-type: none"> - um círculo; - uma circunferência com raio 5 cm; - uma circunferência com raio 2cm; - uma circunferência cujo diâmetro é 6 cm; - três circunferências com diferentes raios, mas com o mesmo centro. <p>Realização dos exercícios 5 e 6 da ficha número 22 do caderno de fichas.</p> <p>Correção da mesma.</p>	<p>com pioneses e fios.</p> <p>Caderno de fichas</p>		
--	--	---	--	--	--

<p>Exploração de técnicas diversas de expressão</p>	<p>Escrever frases sem erros no computador.</p> <p>Recorte, dobragem e colagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Fazer colagens. -Fazer dobragens. 	<p>Expressão plástica e Oferta complementar (TIC) (15h - 16h)</p> <p>Sumário: Elaboração do manual do Meio local.</p> <p>A turma será dividida em grupos. Um grupo será acompanhado por uma estagiária até à sala dos computadores, onde irão escrever pequenas frases, referentes ao Património, como forma de legenda do mesmo.</p> <p>Os restantes elementos estarão na sala com a estagiária e a professora cooperante e vão construir o seu manual. A construção do manual consiste em forrar papel celnorte com tecido, escrever o título, autor e editora. No que se refere à escrita pode ser no próprio tecido, em EVA ou cartolina.</p> <p>Para finalizar, procede-se à marcação dos trabalhos de casa.</p> <p><u>Quarta-feira</u></p> <p>Português e expressões (9h - 10.30h)</p> <p>Sumário: Revisão do texto sobre Viana do Castelo.</p>	<p>Papel celnorte</p> <p>Tecido</p> <p>Cola</p> <p>Cartolina</p> <p>EVA</p>	<p>60 min</p> <p>60 min</p>	<p>Escreve sem erros as frases.</p> <p>Realiza de forma correta as dobragens e colagem do tecido.</p> <p>Escreve sem erros.</p>
---	---	--	---	-----------------------------	---

<p>Leitura e escrita</p>	<p>20. – Rever textos escritos:</p> <p>1. – Verificar se o texto contém as ideias previamente definidas.</p> <p>2. – Verificar a adequação do vocabulário usado.</p>	<p>Desenho alusivo à temática das janeiras.</p> <p>Tal como no dia anterior a sessão inicia-se com a rotina do Português.</p> <p>Após as rotinas a estagiária pede a alguns alunos para lerem o texto que redigiram no dia anterior. Após a leitura pergunta aos alunos se o texto está bem estruturado, se contém a informação essencial.</p>		<p>15 min</p> <p>45 min</p>	<p>Verifica se o texto contém as ideias principais. Utiliza um vocabulário adequado.</p>
<p>Descoberta e organização Progressiva de superfícies</p>	<p>Desenho:</p> <p>- Ilustrar de forma pessoal.</p>	<p>De seguida os alunos vão ilustrar um desenho alusivo à temática das janeiras. A estagiária entrega a cada aluno um desenho, que terá de colorir a seu gosto. Este desenho será para posteriormente colar num postal, que será entregue aos idosos.</p>			<p>Ilustra o desenho, utilizando diferentes cores.</p>

Números e operações	Números naturais: - Conhecer e utilizar corretamente os numerais romanos. - Adicionar e subtrair números naturais utilizando algoritmo.	<p>Matemática/Expressão Musical (11h - 12.30h)</p> <p>Sumário: Numeração romana.</p> <p>Para iniciar a sessão os alunos escrevem a data e a numeração romana do número 30 até ao 39. Realizam também um algoritmo da adição e outro da subtração, que envolvam transporte.</p>	30 min	Identifica e utiliza, de forma correta, os numerais romanos. Realiza corretamente os algoritmos da adição e subtração.
	Números naturais: - Conhecer e utilizar	De modo a introduzir a representação dos números de 40 a 50, em numeração romana, a estagiária questiona: <i>como será que se representa o número 40?</i> A representação do número 4 é IV, ou seja, retiramos ao 5 (V) uma unidade (I). Para representar 40, precisamos de saber como se representa o 50. <i>Alguém sabe como se representa o número 50?</i> O número 50	15 min	Identifica e utiliza, de forma correta,

Jogos de exploração	<p>corretamente os numerais romanos.</p> <p>Voz:</p> <p>- Cantar canções.</p>	<p>representa-se pela letra <i>L</i>. <i>Agora que sabemos como se representa o 50 como será que se representa o 40?</i> $40 = 50 - 10$, logo, se X representa 10 e L representa 50, 40 é XL.</p> <p>De seguida os alunos representam a numeração romana desde o número 1 até ao 50. Posteriormente será realizada a correção no quadro.</p> <p>Para finalizar realiza-se o ensaio geral das janeiras.</p> <p>Cantar as janeiras (14h - 16h)</p> <p>Os alunos vão ao Lar cantar as janeiras.</p>		30 min	os numerais romanos.
				45 min	Canta a música no tempo correto.

Anexo II - Autorização para os alunos participarem na investigação

Estimado(a) Encarregado(a) de Educação,

No âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo e da minha integração no estágio que realizo com o grupo de alunos em que o seu educando se encontra, pretendo realizar uma investigação centrada na área curricular do Estudo do Meio Social.

Para a concretização da investigação será necessário proceder à recolha de dados através de diferentes meios, entre eles os registos fotográficos, áudio e vídeo das atividades referentes ao estudo. Estes registos serão confidenciais e utilizados exclusivamente na realização desta investigação. Todos os dados serão devidamente codificados garantindo, assim, o anonimato das fontes quando publicado.

Venho por este meio solicitar a sua autorização para que o seu educando participe neste estudo, permitindo a recolha dos dados acima mencionados. Caso seja necessário algum esclarecimento adicional, estarei disponível para esse fim.

Agradeço desde já a sua disponibilidade.

Viana do Castelo, 4 de novembro de 2013

A mestranda

(Susana Daniela Ferreira Caetaninho)

Eu, _____ Encarregado(a) de Educação do(a) _____, declaro que autorizo a participação do meu educando no estudo acima referido e a recolha de dados necessária.

Assinatura _____

Data _____

Obs. _____

Anexo III - Modelo do inquérito por questionário aplicado aos alunos

Inquérito

Viva!

Estou a desenvolver um projeto de mestrado, em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo, relacionado com a importância dos manuais escolares na aprendizagem. Gostava de contar com a tua colaboração. Para o efeito pedia-te que respondesses a este inquérito:

1. Qual o manual que mais gostas? _____

1.1. Porquê? _____

2. Como utilizas o manual escolar?

Rever a matéria

Ler os textos

Fazer os exercícios

3. Tens curiosidade em folhear o manual, para saberes o que vais aprender?

Sim

Não

4. Que importância tem o manual escolar para esclareceres as tuas dúvidas?

Muita importância

Alguma importância

Pouca importância

Nenhuma importância

5. Costumas utilizar o CD – aula digital?

Sim

Não

6. O que mais gostas no CD – aula digital?

Muito Obrigado! Susana Caetaninho

Anexo IV - Modelo do inquérito por questionário aplicado aos professores

Questionário

Caro professor encontro-me a desenvolver um projeto de mestrado, em Educação Pré-escolar e ensino do 1º ciclo do Ensino Básico, relacionado com perceções e perspetivas acerca dos manuais escolares na aprendizagem. Gostaria de contar com a sua colaboração. Para o efeito apresento-lhe o seguinte questionário, que é totalmente anónimo. Desde já agradeço a sua colaboração.

1. Como usa o manual escolar nas suas aulas?

2. Acha que o manual escolar é um instrumento importante no processo de ensino aprendizagem? Porquê?

Atentamente, Susana Caetaninho

Anexo V - Modelo do inquérito por questionário aplicado aos encarregados de educação

Questionário

Caro encarregado de educação encontro-me a desenvolver um projeto de mestrado, em Educação Pré-escolar e ensino do 1º ciclo, relacionado com perceções e perspetivas acerca dos manuais escolares na aprendizagem. Gostaria de contar com a sua colaboração. Para o efeito apresento-lhe o seguinte questionário, que é totalmente anónimo.

1. Considera o Manual Escolar um instrumento essencial na aprendizagem do seu educando? Porquê?

Qual a importância do manual escolar no acompanhamento do trabalho escolar do seu educando?

Atentamente, Susana Caetaninho

Anexo VI - Grelha de apreciação do manual escolar



REGISTO DE APRECIÇÃO, SELEÇÃO E ADOÇÃO DE MANUAIS ESCOLARES

Anexo 1 b) Critérios de apreciação, seleção e adoção de manuais escolares avaliados e certificados

Ano de Escolaridade: 3.º ano

Área Disciplinar/Disciplina: Estudo do Meio

Título do Manual: A Grande Aventura

Editora: Texto

	Sim			Não
	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
1 Organização e Método				
1.1 Apresenta uma organização coerente e funcional		x		
1.2 Apresenta uma organização adequada aos alunos	x			
1.3 Explicita etapas essenciais para a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades		x		
1.4 Motiva para o conhecimento		x		
1.5 Contempla sugestões de atividades de carácter prático/experimental	não se aplica			
1.6 Estimula a autonomia e o sentido crítico		x		
	Sim			Não
	Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
2 Informação e Comunicação				
2.1 Respeita os programas, metas curriculares e orientações da tutela	x			
2.2 Tendo em conta as orientações curriculares: -Veicula conhecimento correto; -Veicula conhecimento relevante.	x			
2.3 Apresenta uma organização gráfica (*) que facilita o seu uso		x		
2.4 Apresenta ilustrações (?) corretas, necessárias e adequadas aos conteúdos e às atividades propostas	x			

(*) Carateres tipográficos, cores, destaques, espaços, títulos, subtítulos, etc;

(?) Fotografias, desenhos, gravuras, mapas, gráficos, esquemas, etc.

Anexo VII - Texto final

A cidade de Viana

Há muitos, muitos anos atrás D. Afonso III concedeu o Foral à povoação de Átrio, passando a chamar-se Vianna. D. Maria II, em 1848, através de uma carta régia elevou a vila a cidade, passando a chamar-se Viana do Castelo.

A cidade de Viana do Castelo localiza-se no norte de Portugal, pertencendo ao distrito com o mesmo nome.

Situada na encosta do monte de Santa Luzia é uma cidade bonita, luminosa, saudável e com belas paisagens. O rio Lima é o rio que passa nesta cidade, que tem no mar uma das suas maiores vocações.

Dispõe de um porto de pesca (Doca) e de um porto de recreio (Marina), junto a um belo jardim.

A Praça da República é um local emblemático. Nesta encontramos o tríptico monumental de Viana do Castelo, uma espécie de "sala de visitas". Este tríptico é constituído pelos Antigos Paços do Concelho, Chafariz e Casa da Misericórdia.

O Templo do Sagrado Coração de Jesus, a Sé de Viana, o navio Gil Eannes, o Castelo Santiago da Barra e o funicular de Santa Luzia são parte de um vasto património histórico local.

Viana é uma terra de pessoas simpáticas e acolhedoras.

Em Viana pode-se desfrutar de belas paisagens, boa gastronomia e de um riquíssimo património.

Anexo VIII - Exemplo do conteúdo do manual/livro *Uma aventura em Viana do Castelo*

Trípico monumental de Viana do Castelo



A Praça da República é a "sala de visitas" de Viana do Castelo. Nela encontramos o Chafariz, a Casa da Misericórdia (antigo hospital) e ainda o Antigos Paços do Concelho.

Sé de Viana



A sua construção remonta ao século XV.
Também designada de Igreja Matriz ou Sé Catedral.

Palácio dos Abreu Távora – Condes de Carneira



Construído nos meados do séc. XVI é uma das mais belas casas senhoriais da cidade. Desde 1972 que a Câmara Municipal funciona neste edifício.

Teatro Sô de Miranda



Projetado por Geraldo da Silva Sardinha, foi inaugurado em abril de 1885. Tem acolhido os mais importantes espetáculos de Música, Teatro, Ópera, Dança e Cinema da região.

Estação do caminho-de-ferro



Data de 1878.
É uma das mais belas do país.

Figuras ilustres

Caramuru



Heróico navegador vianense foi fundamental na instalação das primeiras capitânicas no Brasil.

João Álvares Fagundes



Navegador vianense, terá nascido em 1470. Ficou conhecido como um dos primeiros exploradores da Terra Nova, no Atlântico Norte.

Frei Bartolomeu dos Mártires



Nasceu em Lisboa no ano de 1514.
Foi arcebispo de Braga.
Em 1576, recolheu-se ao convento, de Santa Cruz, atual Convento de São Domingos, que ele tinha fundado, na vila de Viana da Foz do Lima.
Foi um grande sábio e um grande santo. Alguém que sempre esteve ao lado dos pobres e dos mais necessitados.
Está sepultado na Igreja São Domingos.

Anexo IX- CD

Este CD contém:

- Relatório em formato PDF